

Cooperação entre o presente e o futuro



Foto: Leonel Vaz | CORANE

P3,4 Acção de Formação na Batalha | P6,7 Cabo Verde

P10,11 8.ª Comissão de Acompanhamento Leader II | P12,13 Pessoas

12

Cooperação:

entre o presente e o futuro

Nos meses de Outubro e Novembro de 2000 vão realizar-se, a nível nacional e europeu, várias actividades no quadro do Programa LEADER que apontam para o tema da cooperação.

Porque razão surge hoje este tema com tanta importância?

Este número de Pessoa e Lugares tenta fazer um ponto de situação sobre esta questão, apresentando um leque de experiências e questionamentos sobre a cooperação, completados com uma análise mais sistemática apresentada no Caderno Temático nº 3 a ela dedicado.

A cooperação entre os grupos LEADER, e, de uma maneira mais geral, entre os actores de diferentes territórios, é um factor essencial de consolidação dos processos de desenvolvimento local em meio rural. A experiência do LEADER II vem confirmar plenamente esta realidade e o tema da cooperação está presente hoje em dia nas preocupações dos grupos LEADER, tanto ao nível local como ao nível nacional e europeu, por vários motivos:

Em primeiro lugar, porque estamos num período de finalização do LEADER II e no início de um novo ciclo nos fundos estruturais e iniciativas comunitárias. É, portanto, altura de tirar os ensinamentos do passado, analisar as dificuldades e os pontos sobre os quais será necessário dedicar mais esforços no futuro. É neste sentido que se realiza em Chaves, em parceria com a ADRAT, de 25 a 28 de Outubro, o Seminário do Observatório Europeu LEADER. Ali se vai discutir, a partir da análise de 40 casos concretos escolhidos em todos os países europeus, como decorreu a cooperação transnacional no LEADER II: quais foram as dificuldades, as soluções encontradas, os resultados alcançados, as metas que não foram atingidas e quais são os grandes desafios para o futuro.

Contudo, a questão da cooperação não se limita à cooperação transnacional, existindo outras formas que, apesar de não terem sido tão desenvolvidas no passado, não deixam de ser importantes, tanto mais que a iniciativa LEADER + aponta no sentido de uma diversificação da cooperação: diversificação do âmbito da cooperação (regional, de proximidade,

nacional e com países fora da União Europeia) e diversificação dos parceiros, abrindo em certas condições a cooperação a grupos locais que não são LEADER. Ora, em todas estas vertentes, estamos longe de partir do zero, e existem já bastantes experiências que podem servir de base para uma reflexão colectiva sobre a questão: Assim, no próprio LEADER II, existiu também cooperação de âmbito nacional e as experiências acumuladas neste campo abrem muitas perspectivas. As ADL desenvolveram também muitas formas de cooperação fora do financiamento do LEADER, o que permitiu diversificar as suas formas de cooperação (como por exemplo a cooperação com os PALOP) e responder melhor às suas necessidades ou às formas de solidariedade.

Esta diversidade de formas de cooperação é pouco conhecida. Enquanto a cooperação transnacional foi objecto de um processo específico, permitindo ao Observatório Europeu e às administrações nacionais e europeias dispor de dossiers de candidatura, relatórios, etc., que são hoje uma fonte de informação bastante rica, é difícil ter uma noção clara da importância das outras formas de cooperação, do seu interesse e das perspectivas que se abrem para o futuro. Foi para responder a esta preocupação que a Célula de Animação resolveu realizar, em parceria com a Comissão Nacional de Gestão do LEADER, um levantamento de todas as actividades de cooperação que existem ao nível das ADL. Este levantamento, realizado através de um inquérito ao qual responderam 26 ADL. A partir de então estamos a elaborar e finalizar, em parceria com os Grupos de Proximidade dos Açores e da Madeira, um caderno temático que será distribuído durante este mês (antes do Seminário de Chaves) e integrado no próximo número de Pessoa e Lugares. Este caderno temático é uma primeira fotografia da diversidade das formas de cooperação praticadas pelas ADL LEADER desde o LEADER I e é uma introdução ao tema da cooperação que será discutido profundamente no Seminário da Madeira, de 8 a 10 de Novembro (além do tema da engenharia financeira também previsto neste seminário).

Finalmente, há uma outra razão que leva a que a cooperação seja hoje um tema de actualidade: o LEADER, pela sua metodologia exemplar, em termos de desenvolvimento local em meio rural, suscita um interesse crescente de regiões ou países fora da União Europeia ou de organismos financiadores internacionais que se inspiram na experiência do LEADER para conceber programas similares em contextos diferentes. Isso abre novas perspectivas de cooperação, mesmo que sejam ainda mais ao nível de intenções do que de cooperação propriamente dita. A este respeito apresentamos neste número, por um lado, a Rede Europa - América Latina do Desenvolvimento Rural, iniciativa da região da Andaluzia que visa a confrontação e a transferência de metodologias de desenvolvimento local em meio rural entre a Europa e a América Latina (ver artigo do Eng. Nuno Jordão, página 5) e, por outro, algumas experiências de aplicação ou de possibilidades de aplicação de metodologias de desenvolvimento local nos países do Sul, nomeadamente em Cabo Verde e em Timor (ver páginas 6 e 7).

O tema da cooperação levanta, portanto, diferentes questões, que são de grande importância para o futuro. Além do Seminário de Chaves haverá, pelo menos, duas ocasiões para abordar estas questões: o Seminário na Madeira, de 8 a 10 de Novembro, onde a cooperação será um dos dois temas tratados e, ainda, a formação em Trás-os-Montes, prevista para 15, 16 e 17 de Novembro. Este número de Pessoa e Lugares, especificamente dedicado à cooperação, e o respectivo caderno temático, pretendem alimentar o debate que se vai desenvolver nas próximas semanas e meses sobre este tema, com a esperança de que, deste debate, saiam referências comuns, transferências de saber fazer sobre as maneiras de ultrapassar as dificuldades encontradas nos processos de cooperação, e novas ideias, de tal forma que a cooperação possa ser ainda mais valorizada no futuro como factor essencial de consolidação dos processos de desenvolvimento local.

Samuel Thirion

Nota da Redacção

Era nossa intenção produzir, neste número, uma homenagem às muitas técnicas das ADL que, ao longo dos últimos anos, têm partilhado o seu trabalho com as tarefas da maternidade. Queremos consagrar algumas páginas a uma rubrica que intitulámos de "Bebés LEADER". Mas a recolha do material revelou-se mais demorada do que pensávamos o que nos faz adiar a sua publicação para um próximo número.

Aqui fica a nota para os que aguardavam as imagens dos seus bebés. Nota que serve também para aguçar a curiosidade de todos os leitores.

Batalha – para além do Mosteiro é o nome de um roteiro turístico recentemente editado pela Câmara da Batalha, e apoiado pelo programa LEADER II, a propósito das comemorações dos 500 anos da Vila e do Concelho, mas poderia ser também a denominação da Acção de Formação das associações Adae, Adiber, Dueceira-Eloz, Pinhal Maior e Terras de Sicó que ali teve lugar entre os dias 11 e 13 de Setembro.

Acção de Formação

Batalha, para além do Mosteiro



fotos: Paula Santos

Uma aposta ao nível da imagem, e um exemplo mesmo a calhar porque o tema desta acção de formação passava justamente por aí, pela imagem dos territórios e das associações de desenvolvimento local.

O que é a imagem? Como criá-la? E como divulgá-la? Foi com estas interrogações que os participantes da acção de formação inauguraram o debate. À medida que os ponteiros do relógio iam avançando as incertezas amontoavam-se na mente e ferviam na ponta da língua. As respostas, essas não havia meio de aparecerem. A certa altura já alguém perguntava se se falava de imagem ou imagens. Uma manhã, foi o tempo necessário para afinar o conceito.

Durante o LEADER I e II a imagem enquanto estratégia de desenvolvimento local foi a aposta de algumas associações. Um processo que desenvolveram ou têm vindo a desenvolver com mais ou menos dificuldades, com mais ou menos sucesso.

A partir dos exemplos da Terras de Basto, Terras de Sicó e das outras associações presentes foi possível clarificar e sistematizar ideias e, simultaneamente, averiguar os meios e métodos utilizados, nomeadamente neste grupo de proximidade.

Vinte participantes encheram a sala de formação da Câmara Municipal da Batalha. Com o Mosteiro no horizonte e uma máquina de café na retaguarda o local escolhido pela associação anfitriã - a Adae - parece ter agradado a todos. Quanto às compotas da Escola-Oficina de Espite é que não restaram quaisquer dúvidas.

A presença em peso das associações envolvidas, da Comissão Nacional de Gestão LEADER II, representada por três técnicos, e alguns convidados alargaram a roda e a discussão. Para além do interesse pela questão, a certeza de que iam aprender qualquer coisa motivou-os a ficarem até ao fim. Bem, quase e quase todos. Ao Serão organizado pela anfitriã no Museu Etnográfico da Alta Estremadura é que ninguém faltou! (ver caixas)

dos PAL aos PDL

No início a expectativa era grande. Da Oficina em Góis tinha ficado uma premissa: o trabalho da imagem do território é essencial como elemento de dinamização e de afirmação de uma estratégia de desenvolvimento local.

Numa altura em que as associações deitam um último olhar aos PAL (Planos de Acção Local), é tempo de começar também a preparar os PDL (Planos de Desenvolvimento Local) para o próximo LEADER. A contemplar este eixo, os técnicos dos GAL estão conscientes que há muito a fazer. Mesmo aqueles que já trabalharam a questão durante a primeira e segunda fases do Programa consideram que há um longo caminho a percorrer. Prepará-lo é sensato. Não basta criar uma imagem; há que criá-la e divulgá-la.

Ainda que esta opinião expressa por um dos participantes, tenha merecido de todos um vigoroso abanar de cabeça, a forma como cada um olha para a questão apresenta algumas variações. Vejamos caso a caso.

Para o coordenador do GAL da Terras de Sicó, Carlos Graça, criar uma imagem da zona de intervenção da associação sempre foi uma preocupação. Logo no LEADER I, a estratégia passou pela promoção da região através dos produtos da região, nomeadamente, o queijo, o vinho e o mel. O que acabou por se traduzir, na segunda fase do Programa, num Cabaz Terras de Sicó. O processo não foi fácil mas, na opinião de Carlos Graça, os resultados já são visíveis. Uma aposta ganha, portanto.

"Na Adae, ainda estamos a tentar encontrar a nossa imagem". Quem o diz é Alcina Costa, coordenadora do GAL. Uma busca que a associação resolveu testar cientificamente através de um processo de certificação de qualidade. Um processo que está a avançar devagarinho porque tudo é novo. Porque são os primeiros a fazer tal coisa. O que acaba por ser também uma grande responsabilidade para a associação, sublinha. Para já, e longe de estar concluído, este processo permitiu avaliar a intervenção territorial da associação. "Tínhamos uma imagem que desconhecíamos", esta foi a primeira conclusão a que chegaram.

José Francisco Rolo, da Adiber, acredita que o primeiro passo neste processo deve passar pelo aumento da auto-estima das populações. Porque, na sua opinião, quanto maior esta for, maior será a identificação com o território. Para este técnico do GAL da Adiber a primeira coisa a fazer é evitar que as pessoas saiam dos territórios. E para que isso não aconteça é necessário melhorar as condições de vida. O que passa também pela educação e pela participação.

A coordenadora do GAL da Pinhal Maior defende uma imagem construída a partir de dois ou três "produtos". Concentrando a atenção nestes os resultados poderão ser muito melhores. Para Filipa Ramos Mendes, a diversidade é um mau caminho. A aposta vai para as relações de proximidade com a população.

O verde da Serra da Lousã e o azul do rio Zézere são a imagem da Dueceira-Eloz. Esta associação tem vindo, desde o início do LEADER, a apostar neste binómio. Uma homogeneidade em termos territoriais que a associação tem aproveitado também para "animar" a população. Para Ana Souto, técnica do GAL, "este processo de construção de uma imagem, tem sido um bom instrumento de mobilização da população".

Continua na Página seguinte >

Seminário em Março

Depois da reflexão conjunta que foi esta "acção" e sistematizadas que ficaram algumas ideias, os participantes decidiram aprofundar o tema. Para isso, e para já, constituíram um Grupo de Trabalho. Até ao seminário, em Março de 2001, este Grupo reunirá várias vezes, a primeira das quais já no dia 14 de Novembro na Lousã, zona de intervenção da Dueceira-Eloz onde também se realizará o seminário.

Depois de desmontado há que voltar a reunir as peças do puzzle. Que a imagem é um factor decisivo na estratégia de desenvolvimento local de uma associação é unânime. Que isso não chega, que é necessário trabalhar outros factores, num processo articulado e articulante é a parte da equação que ainda está por resolver, e cuja resolução passa inequivocamente pela correcta ordem dos factores. Um bom diagnós-

tico poderá ajudar a responder às singularidades do território. A imagem de uma determinada associação num determinado território passará muito por esta capacidade de resposta. Se a imagem criada corresponder à realidade a associação estará no bom caminho - no caminho do desenvolvimento local. Simultaneamente ponto de partida e de chegada, a imagem dos territórios passa também pela imagem das associações e dos técnicos. Este foi mais um exercício de sistematização que os participantes se propuseram fazer.

E não foi o último. O derradeiro foi mesmo encontrar um tema para o seminário. Não foi difícil. As cartas estavam na mesa e os jogadores tinham bons trunfos. Ganhou "a imagem como um processo de animação das associações de desenvolvimento local".

Paula Santos

← Continuação da Página anterior

Serão no Museu

Para falar da importância das estruturas museológicas do desenvolvimento local, a associação anfitriã propôs aos participantes da Acção de Formação um Serão no Museu Etnográfico da Alta Estremadura.

No rés-do-chão do edifício, uma casa setecentista conhecida também por Casa da Madalena, cuja recuperação também passou pelo Programa Leader, por entre alguns dos multíssimos objectos que esta autêntica casa-museu alberga com orgulho e carinho, 25 homens e mulheres fizeram uma roda e lançaram-se à conversa.

Tranquilizados que estavam já os estômagos (com iguarias gastronómicas da região de primeiríssima qualidade) a conversa deu pano para mangas, como se costuma dizer. Palavra puxa palavra, já era quase meia-noite quando deixámos a Casa da Madalena na tranquilidade a que por certo já se habituou.

O sr. Travassos, em nome do Rancho Folclórico Rosas do Lena, responsável pela criação e manutenção do Museu, deu as boas-

-vindas. Ao mesmo tempo que ia contando a história do Museu, foi atirando, mesmo sem querer, pistas para a discussão.

Do Serão saíram algumas certezas, ou melhor, inquietações. Uma, que os espaços museológicos só têm valor se forem divulgados e que é preciso as pessoas de fora darem importância para que as da terra acreditem. Outra, o papel destas estruturas na construção da imagem dos territórios e na preservação dos aspectos distintivos da tradição.

A encontrar uma linha de força para o debate, o binómio tradição versus modernidade seria perfeito. A apresentar uma conclusão, qualquer coisa como, temos de assumir a tradição no presente mas que ela se mantenha no futuro. E que a tradição só tem sentido quando se vive. Como? Dando um toque de modernidade, como faz a pintora Irene Gomes nas suas telas. E ficou algo mais. Ficou o desafio de fazer mais serões na Casa da Madalena. Uma casa com alma, alguém disse.

P. S.



No atelier da pintora Irene Gomes

Considera-se uma pintora moderna apaixonada pela tradição. Aparentemente frágil, Irene Gomes transpõe para a tela as memórias que guardou da infância: mulheres do campo, de ancas largas e rins grossos; mulheres de braços roliços e mãos imperfeitas; mulheres a maçar, ripar ou fiar o linho; crianças a brincar na rua e homens a tocar concertina. Telas onde a pintora deixou vir ao de cima o "gosto especial pela terra" e o raciocínio rural que diz ter. Daí os personagens ligados à terra, daí pintar com muita vontade, ainda que por egoísmo, confessa.

Os quadros assinados pela pintora são memórias de um passado mas com um toque de modernidade. "Não pinto a tradição; cataliso-a transpondo-a para o século XXI". O cabelo verde ou lilás de algumas das suas personagens são traços de modernidade presentes nos seus quadros. Uma pintura que agrada a novos e velhos. Uma pintura inquieta, tempestuosa até. Uma pintura que joga com as cores populares e as formas geométricas, e onde a pintora conta uma história, canta uma canção, retrata dor ou um sentimento.

Irene Gomes nasceu na Batalha. Aos vinte e poucos anos foi para Itália com uma Bolsa de Estudo. Regressou, voltou a sair do país, desta vez para estudar Rubens e Dalí. Entre 1992 e 1998 foi vitralista no Mosteiro da Batalha. Depois de alguns anos no Porto, Irene Gomes volta à Batalha e monta atelier mesmo no centro da Vila, no Largo da Misericórdia, onde ainda hoje podemos encontrá-la.

P. S.



Jornadas Técnicas da Unidade Espanhola sobre Avaliação e Auto-avaliação

Avaliação e Auto-avaliação

Nos dias 25 e 26 de Setembro tiveram lugar em Cudillero (Astúrias) as Jornadas de "Autoevaluación y evaluación en LEADER y PRODER: métodos y perspectivas". Uma organização da Unidade Espanhola do Observatório Europeu LEADER em colaboração com o Grupo de Valle del Eze-Entrecabos.

Convocadas com o objectivo de analisar a questão da avaliação e auto-avaliação nos programas LEADER e PRODER, as Jornadas serviram também para apresentar diferentes iniciativas e metodologias desenvolvidas pelos Grupos no âmbito da auto-avaliação, em particular, os objectivos, os procedimentos e os resultados da sua implementação.

A organização pretendeu ainda com estas Jornadas criar um fórum de intercâmbio de experiências, de recapitulação no LEADER II e de elaboração de novas propostas visando o futuro.

A convocatória para Jornadas foi bem acolhida. Assistiram mais de 90 participantes entre os quais se encontravam membros de 40 grupos LEADER e PRODER e das redes associativas nacionais e regionais.

As Jornadas contaram com uma destacada representação da Administração europeia, nacional, autonómica e local e foram inauguradas, entre outros, pelo Conselheiro de Meio Rural e Pesca do Principado de Astúrias, Santiago Menéndez de Lueca. Também estiveram presentes Santiago Alonso González, director do Instituto de Desenvolvimento Rural do Principado, e outros responsáveis autonómicos como Jaime Izquierdo Vallina (Astúrias), Belén Hernández Lafuente (Galiza), e Julián Rodríguez em representação do Ministério de Agricultura, Pesca e Alimentação.

Em matéria de avaliação, Enrique García Martín-Romo, da Unidade de Avaliação da DG-Agri., expôs a perspectiva da Comissão Europeia.

Também foram apresentadas experiências de diferentes Grupos de Acção Local espanhóis e europeus. A visão da avaliação dos GAL em Espanha foi sintetizada pelo Grupo LEADER Montaña de Navarra. O Grupo LEADER Prepireneo apresentou as experiências de auto-avaliação, nas suas diferentes componentes. O Grupo de Somontano (Aragão) expôs a auto-avaliação de um CEDER (equipa técnica). O Grupo LEADER de Aliste, Tabara y Alba (Castela e Leão) relatou a experiência de auto-avaliação do LEADER por parte da população da sua comarca. E o Grupo LEADER do Noroeste de Múrcia falou

da auto-avaliação de projectos por parte dos beneficiários.

Mário Fidalgo, do Grupo LEADER AD ELO de Portugal, Luís Chaves, da Unidade Portuguesa de Animação, e Brendan O Keefe de Duhallo (Irlanda) apresentaram diversas experiências europeias que enriqueceram e completaram a abordagem espanhola.

Juana López da consultora PROINTEC e Jacques Carrillo de EDATER (França) trouxeram a sua experiência como avaliadores externos. As suas apresentações foram completadas com as de alguns peritos como Jordi Rosell da Universidade Autònoma de Barcelona e Javier Esparcia da Universidade de València.

Os grupos de trabalho, que tiveram lugar na tarde do dia 25, suscitaram grande interesse entre os Grupos LEADER e as conclusões do trabalho foram relatadas em plenária pelas Antenas regionais da Unidade espanhola do Observatório (Astúrias, Navarra e Andaluzia). No primeiro grupo, pretendia-se realizar um exercício de auto-avaliação seguindo a metodologia elaborada (e actualmente em revisão) pelo grupo de auto-avaliação de Portugal, no qual participam Luís Chaves e Mário Fidalgo. A proposta despertou comentários e sugestões entre os participantes, que debateram as possibilidades da sua aplicação nos respectivos grupos.

O segundo grupo de trabalho centrou-se no processo de auto-avaliação global das especificidades LEADER, onde os assistentes destacaram a persistência das dificuldades metodológicas. No terceiro grupo, onde se auto-avaliaram diferentes aspectos dos Programas LEADER e PRODER (a equipa técnica, os projectos, os próprios programas) concluiu-se que era necessário diferenciar entre auto-avaliação e controlo de qualidade e elaboraram-se alguns indicadores significativos.

As Jornadas serviram para pôr em evidência a necessidade de continuar a trabalhar este tema, e que a avaliação e auto-avaliação são dois processos que devem ser considerados complementares podendo ser instrumentos de grande utilidade em iniciativas futuras. Verifica-se um aumento da "cultura avaliadora/auto-avaliadora" entre os grupos. A avaliação e a auto-avaliação afirmaram-se em definitivo como ferramentas de aprendizagem e evolução.

Unidade Espanhola do Observatório Europeu LEADER



A auto-avaliação continua a mexer...

Após o seminário de Viseu, o Grupo de Trabalho sobre auto-avaliação (ADD, ADDLAP, AD ELO, ADICES e CAL) reuniu para definir as próximas actividades. Uma sessão de trabalho que contou com a presença do presidente da CNG, Nuno Jordão, e da técnica de acompanhamento, Rosário Serafim.

O Grupo propõe integrar no Método SAP (Sistematização da Auto-avaliação Participada) algumas sugestões que saíram do seminário, simplificar a apresentação do método, afinar a etapa 4 ("Avaliar a pertinência do processo e retirar ensinamentos para o futuro") e testá-la com as ADL do Grupo de Trabalho, participar na rede europeia sobre experiências de auto-avaliação, e organizar acções de formação visando a transferência do método com as ADL que se manifestaram interessadas.

Em representação do Grupo de Trabalho, Mário Fidalgo (AD ELO) e Luís Chaves (CAL) deslocaram-se a Cudillero, Astúrias, para participar nas Jornadas Técnicas sobre "Auto-avaliação e avaliação no LEADER e PRODER". Um convite da Unidade Espanhola do Observatório LEADER que permitiu apresentar o trabalho desenvolvido pelo Grupo.

LC

O Programa de Luta contra a Pobreza Rural em Cabo Verde

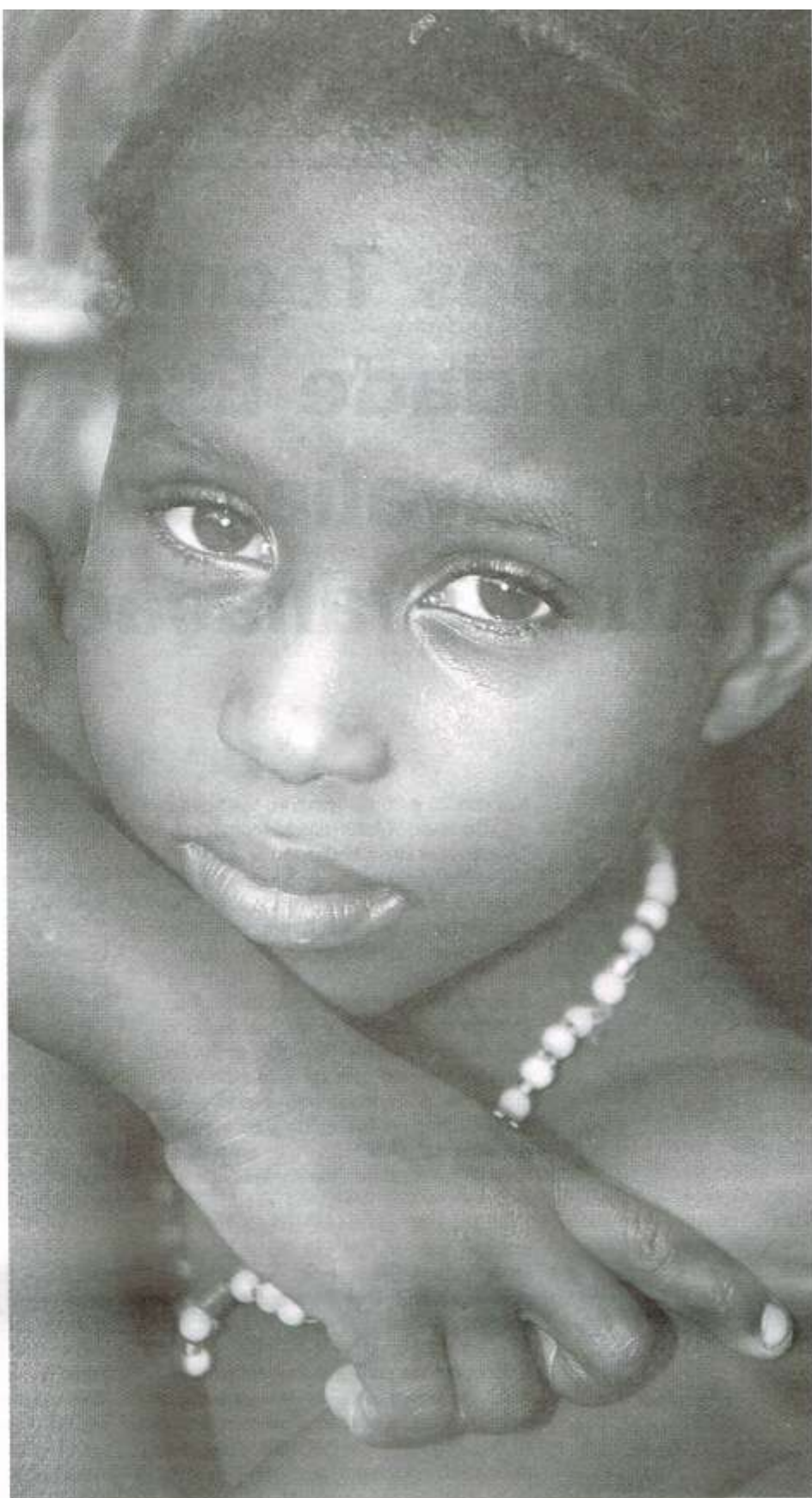
O LEADER apresenta, sem dúvida, um grande avanço em termos metodológicos para o desenvolvimento local em meio rural, suscitando um interesse crescente de regiões ou países fora da União Europeia ou de organismos financiadores internacionais que se inspiram da experiência do LEADER para conceber programas similares em contextos diferentes. Contudo, não se trata propriamente de simples transferência, mas sim de adaptações metodológicas que, por vezes, podem conduzir a um maior avanço na aplicação dos princípios do desenvolvimento local, indo além da sua aplicação na Europa. Daí que as perspectivas de cooperação com os grupos LEADER na Europa podem vir a ser interessantes e frutuosas para ambas partes.

O Programa de Luta contra a Pobreza Rural em Cabo Verde aparece como um programa pioneiro neste sentido. Partindo de uma ideia que foi discutida já em 1996 no quadro da preparação de um Programa Nacional de Luta contra a Pobreza, o processo desenvolvido desde então levou à aplicação deste Programa nas zonas rurais segundo os grandes princípios do LEADER: abordagem territorial em cada ilha, abordagem ascendente, parceria local, subvenção global, etc., e já com algumas perspectivas inovadoras que poderiam ser de grande interesse para os grupos LEADER europeus.

1- Uma metodologia similar mas num contexto radicalmente diferente e com outro objectivo

Costumamos falar da "metodologia LEADER", e esta até ficou formalizada pelo Observatório Europeu através das "sete especificidades". Mas seria certamente mais correcto falar de metodologia do desenvolvimento local em meio rural, para a qual o LEADER, na União Europeia, trouxe um contributo importante, sem deixar, contudo, de admitir que outros programas, em outras regiões ou países, podem, em contextos diferentes, afinar, completar, enriquecer e adaptar esta metodologia na base da sua própria experiência.

Em Cabo Verde, vários factores convergiram para levar a um processo desta natureza. Por um lado, a descentralização iniciada no



início dos anos 90 criou as condições básicas para poder implementar programas de desenvolvimento descentralizados. Isso permitiu, nomeadamente, dar um maior poder às Câmaras Municipais e abrir novas perspectivas em termos de gestão local.

Em segundo lugar, as experiências de luta contra a pobreza, desde sempre uma questão central para os diversos Governos que se sucederam desde a independência, levaram a repensar gradualmente as políticas nesta área, dando cada vez mais importância a uma política construída de baixo para cima e que permita às pessoas mais pobres organizarem-se e definirem os seus planos de actuação. Essa evolução verifica-se, por exemplo, na organização do que são as "Frentes de Alta Intensidade de Mão de Obra" (FAIMO) financiadas pelo Estado, que asseguram um trabalho remunerado às pessoas mais pobres, sobretudo nos anos em que a chuva não é suficiente e há risco de fome. Nos primeiros anos após a independência, estas FAIMO foram organizadas de maneira centralizada, permitindo a construção de infra-estruturas de base em todo o país, nomeadamente as vias de comunicação, assim como a realização de grandes programas de reflorestação das zonas mais desérticas. Mas, a partir de uma certa altura, apareceu a necessidade de orientar estas FAIMO para investimentos sociais ou produtivos dirigidos às famílias mais pobres. Daí a necessidade de as envolver na concepção dos seus programas e, portanto, de descentralizar esta concepção.

Um terceiro factor que levou à elaboração e lançamento de um programa baseado nos princípios do desenvolvimento local foi a posição do financiador: Nos anos 1996-98, vários organismos internacionais de cooperação multilateral ou bilateral, negociaram com o Governo o financiamento de um Plano Nacional de Luta contra a Pobreza (PNLP), que pudesse erradicar o que se considera como grande pobreza (famílias vivendo com menos de 200 escudos portugueses por dia e por pessoa). Ora, um destes financiadores, o FIDA, um fundo internacional criado em 1974 que tem precisamente como objectivo erradicar a pobreza nas zonas rurais, estava à procura de novas abordagens, sendo confrontado com a pouca eficácia das abordagens "clássicas", de projectos aplicados no terreno segundo programas preconcebidos e predefinidos à partida.

programa inspirado da metodologia do LEADER

Foi neste contexto que se lançou um processo de reflexão e de negociação inter-institucional que demorou cerca de três anos e que levou ao lançamento do Programa de Luta contra a Pobreza Rural (PLPR), uma das componentes do PNL. Este programa, que se vai aplicar em quatro ilhas e dois concelhos da ilha de Santiago prevê um período de preparação de três anos (que podemos comparar à fase de "aquisição de competência" no LEADER). Durante este período prevê-se um trabalho em profundidade para a mobilização das populações rurais desfavorecidas (apoiando-se na realização de "acções demonstrativas"), a constituição de parcerias locais e a elaboração de Planos Locais de Luta contra a Pobreza que irão ser financiados segundo o princípio da subvenção global e aplicados durante uma primeira fase de realização. Esta irá decorrer de 2003 até 2006 e, no fim deste período (que podemos comparar ao período do LEADER I), haverá uma avaliação que levará ao lançamento de um segundo período similar de três anos de 2006 até 2009 (que podemos comparar ao período do LEADER II).

2- Perspectivas de cooperação

O lançamento do Programa de Luta contra a Pobreza Rural em Cabo Verde abre muitas perspectivas de cooperação com os grupos LEADER na Europa, nomeadamente em Portugal.

Em primeiro lugar, há os aspectos relacionados com intercâmbios de metodologias e ideias. Durante a primeira fase de três anos de lançamento do Programa, a sua metodologia vai ser afinada e precisada, à medida que vai sendo implementada no terreno. A existência deste período de três anos de preparação representa, sem dúvida, uma grande vantagem em relação ao LEADER, pela possibilidade que dá de garantir uma melhor qualidade na implementação de um processo de baixo para cima. Nesta fase o conhecimento da experiência do LEADER poderá ser então de uma grande utilidade. Daí que várias formas de intercâmbio com os grupos LEADER estão a ser realizadas ou programadas. Já organizámos, em Novembro de 1999, uma formação nas Canárias com os grupos LEADER, tendo em conta a grande similitude de condições existentes entre as Canárias e Cabo Verde. Este ano e em 2001, estão previstas outras formas de intercâmbio com o Programa LEADER em Portugal, começando por um estágio dos quadros da estrutura de coordenação nacional do Programa (chamada UCP: Unidade de Coordenação do Programa) que decorrerá de **8 de Outubro até 17 de Novembro**. Durante este período, três quadros desta estrutura nacional irão participar em várias visitas junto dos grupos LEADER e actividades da CAL ou actividades específicas. E, no próximo ano, está também prevista uma formação de animadores locais em Portugal.

A cooperação com os grupos LEADER irá, provavelmente, bastante além do intercâmbio metodológico e de ideias, porque existem muitas oportunidades de cooperação concreta, quer seja na área da comercialização de produtos, nas diversas formas de geminação que se podem conceber, na mobilização da diáspora cabo-verdiana em Portugal, etc. Já várias ADL manifestaram interesse nesta cooperação e a vinda dos quadros da UCP a Portugal será a ocasião certa para discutir estas questões. Nomeadamente, o Seminário da Madeira, onde a cooperação deverá ser um dos temas estudados, será a ocasião de abordar a questão da cooperação com os países do Sul, já na perspectiva do LEADER+, e de precisar as formas e cooperação possíveis a partir do caso concreto do Programa de Luta contra a Pobreza Rural em Cabo Verde, uma vez que estarão presentes no seminário os responsáveis deste programa. Até se poderia abordar neste seminário a possibilidade de uma cooperação trilateral, envolvendo também os grupos LEADER das Canárias que já na altura da formação nestas ilhas manifestaram o seu interesse em cooperar com o Programa de Luta contra a Pobreza em Cabo Verde (aproveitando uma cooperação já existente entre Madeira e Canárias).

A INDE, que está envolvida desde o princípio neste processo e que, neste momento, é responsável pela assistência técnica ao Programa, continuará a dar a maior importância ao apoio a este programa, não só por ser um programa pioneiro nos países do Sul, em termos de desenvolvimento local, mas também, e sobretudo, porque intervém numa área que julgamos prioritária, ou seja a luta contra a pobreza, que hoje continua a atingir perto de um terço da humanidade. A nossa esperança é que as práticas de desenvolvimento local, apoiadas por políticas adequadas, possam ser a base de expressão de todo um movimento emergente nas comunidades pobres, mas que, na maioria das vezes, não tem oportunidade de se desenvolver por falta de apoios adequados.

Samuel Thirion

1 Ver "transferir a metodologia do LEADER" Observatório Europeu LEADER - ver também o método SAP onde estas sete especificidades são referidas

2 o F.I.D.A. (Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola) foi criado pelos principais países produtores de petróleo após a grande subida do preço do petróleo em 1973-74. Ulteriormente, os países ricos juntaram-se na constituição do fundo. Desde a sua criação o F.I.D.A. tem por objectivo apoiar as populações e camadas sociais mais desfavorecidas nas zonas rurais dos países pobres (agricultores pobres, mulheres, desempregados, etc.). O F.I.D.A. que implementa projectos à maneira clássica, está neste momento a experimentar novas abordagens. O PLPR em Cabo Verde constitui uma experiência piloto nesta instituição.

Projectos em Timor

Após os trágicos acontecimentos que se seguiram ao referendo de Setembro de 1999, que proclamou a independência de Timor Leste, a INDE activou uma série de iniciativas destinadas ao apoio à reconstrução dessa nova nação. Estas iniciativas não nasceram isoladas, mas representaram a concretização de uma preocupação de longa data da INDE para com a causa timorense.

Os projectos abrangeram várias áreas: desde a difusão de informação, ao apoio ao regresso de quadros timorenses, à recolha de livros escolares e à formação profissional em Timor Leste. Outras iniciativas estão a ser lançadas, numa perspectiva de apoio contínuo até à verdadeira independência do povo de Timor Leste.

Depois das lágrimas - A reconstrução de Timor Leste

Este é o título de um livro que a INDE editou, coordenado por Jill Jolliffe, a conhecida jornalista que lançou a causa de Timor nos 'media' mundiais, que reúne uma série de textos de autores timorenses e não só, onde é analisada a situação de Timor Leste sob vários pontos de vista. Os temas abordados vão desde os perigos de um neo-colonialismo pela comunidade internacional, à questão dos crimes de guerra, aos problemas das vítimas de violações e de tortura, à difícil escolha de uma língua nacional, às potencialidades e perspectivas para a nova economia, e ao aproveitamento das infra-estruturas criadas antes de 1974 na construção de um novo Timor.

Apoio ao regresso de quadros timorenses

Em Abril de 2000 começou a primeira de quatro acções de formação em desenvolvimento local/rural com o objectivo de dar algum apoio formativo a quadros timorenses refugiados em Portugal e que pretendem regressar a Timor Leste contribuindo para a reconstrução. Algumas associações LEADER participaram activamente nesta formação e outras foram visitadas pelos formandos.

Durante esta formação, cada participante tem a oportunidade de preparar um projecto individual de regresso, cuja implementação em Timor Leste é apoiada pela INDE.

Até à presente data, 23 pessoas puderam regressar através da INDE, sendo que até ao final do ano está previsto o regresso de um total de cerca de 50 pessoas.

Recolha de livros escolares

A INDE lançou, em Abril deste ano, uma campanha de recolha de livros entre as escolas da região de Lisboa, destinados a serem distribuídos em escolas de Timor Leste.

Essa campanha teve um amplo sucesso e conseguiu-se juntar mais de 30 caixas, contendo gramáticas e dicionários didácticos de português e inglês, livros de ciências e matemática básicos, livros de literatura infantil, jogos e material escolar.

Estas caixas seguiram num contentor que já chegou a Timor Leste e estamos agora na fase de distribuição por várias escolas, identificadas em conjunto com parceiros timorenses durante as missões da INDE ao território.

Formação profissional em Lospalos

Está a terminar, no distrito de Lospalos, a primeira acção de formação promovida pela INDE, com financiamento do Gabinete do Comissário para a Reconstrução de Timor Leste. Cerca de 85 pessoas frequentaram a formação em construção civil, havendo agora nessa região carpinteiros, electricistas, pedreiros e canalizadores, que poderão contribuir para a reconstrução do país. Durante a formação, ministrada e organizada inteiramente por timorenses, apenas com o acompanhamento da INDE, foram reabilitados três edifícios e a cada formando foi distribuída uma caixa de ferramentas para poder exercer a sua actividade após o fim da acção. Na óptica da inserção profissional, deu-se apoio à constituição entre os formandos de uma cooperativa de construção civil, cuja concretização deverá acontecer ainda no mês de Outubro.

Este projecto foi muito bem recebido, seja pelos timorenses, seja pelas organizações internacionais, ao ponto da INDE ter sido convidada a lançar a mesma iniciativa noutros distritos.

Outras iniciativas

Estão a ser elaboradas e concretizadas outras iniciativas da INDE para Timor Leste, entre elas a constituição de uma rádio comunitária em Lospalos, uma formação para jornalistas e eventuais acções de formação na área do desenvolvimento local/rural. Principalmente no que se refere a este último aspecto, todas as associações LEADER são convidadas a dar sugestões e a pensar eventuais parcerias com territórios de Timor Leste.

Porque muito mais precisa ainda de ser feito...



"... trouxemos o termalismo para o desenvolvimento rural."

diz **António Montalvão Machado**, coordenador do GAL do Alto Tâmega (ADRAT), a propósito do projecto de cooperação transnacional "Termalismo em meio rural".*

Porque é que quando se fala em cooperação, no Programa LEADER em Portugal, nos vem à ideia a ADRAT e o Montalvão Machado?

O que deu origem à ADRAT, foi um projecto de cooperação transnacional realizado no âmbito do programa LEADER, em 1987. Desde aí o bichinho da cooperação ficou-nos no sangue. Durante muitos anos, cingimo-nos, por uma questão estratégica, à cooperação transfronteiriça com a Galiza. No início do LEADER não tínhamos grandes perspectivas de fazer cooperação no quadro do programa, embora tivéssemos deixado alguma margem de manobra no PAL, devido ao relacionamento que tínhamos com os grupos do outro lado da fronteira. Nessa altura, tínhamos os canais do INTERREG mais ou menos estabelecidos e algumas ilações e bons exemplos tirados do QCA I, que nos perspectivavam uma intervenção mais ou menos fácil através do INTERREG II.

Contudo, a nossa ideia era fugir à cooperação demasiado formal dos grandes projectos muito estruturados, deixando-a a cargo das associações de municípios, associações empresariais, regiões de turismo, cooperativas, etc. O que nós queríamos era trazer a cooperação para as pequenas comunidades rurais, com projectos aparentemente mais simples, mas mais complicados de pôr em prática. Tivemos alguma dificuldade em fazer passar esta nossa ideia, no âmbito do INTERREG, pois as CCR tinham uma visão muito economicista das intervenções, ligada aos grandes projectos de planeamento.

No Encontro dos 800 LEADER em Bruxelas, em Novembro de 1997, tornou-se clara a oportunidade de aproveitar a medida da cooperação do programa, que até então não tinha sido muito promovida nem desenvolvida em Portugal. Nessa altura iniciámos o processo que conduziu ao projecto do "Termalismo em meio rural".

Porquê o termalismo?

A ideia de que o termalismo é um sustentáculo importante para o desenvolvimento da nossa região é um facto assumido pela ADRAT. Já no Leader I tínhamos apoiado algumas acções no âmbito termal. Observámos que na região tínhamos uma série de pequenas estações termais, pequenas fontes que poderiam ter um papel importante para as comunidades locais, como novos meios de subsistência, novos pólos de promoção e desenvolvimento. E era essa a ideia que nós queríamos promover na altura. Mas a questão do termalismo apresentava para nós alguns problemas. As termas não estavam em mãos públicas, mas sim na mão de grandes grupos económicos e por isso pouco acessíveis às comunidades locais. O termalismo tinha uma utilização medicinal, ou seja era um termalismo do qual a comunidade pouco usufruía, porque era virado para os doentes que vêm de fora. Mas nunca se promoveu Chaves como destino turístico através das termas. Eram vistas como um hospital para as pessoas se curarem.

Como é que a cooperação podia ajudar a resolver estes problemas?

Nós, na ADRAT, sempre vimos a cooperação como mais um instrumento de apoio ao desenvolvimento, que só faz sentido quando surge naturalmente. A cooperação transnacional, para nós, em virtude da nossa localização geográfica, tem custos acrescidos, por isso tem que ser interpretada como um investimento a médio e longo prazo. Isto parece evidente, mas só agora esta filosofia começa a generalizar-se na mentalidade das pessoas. Nós procuramos a cooperação de uma forma "egoísta", quando necessitamos de apoio, quando sentimos que sozinhos não estamos a conseguir resolver as coisas. O inverso também nos acontece. Também somos procurados por outros. Isto é que é cooperação. Fazer cooperação por fazer não tem interesse!



foto: adriano rangei



fotos: adriano rangeli

No caso do termalismo, o que esperavam da cooperação?

O nosso problema em relação às termas era... como ter um Ferrari e não o saber conduzir. Toda a gente achava as termas fantásticas, pois mais nenhum país da Europa tem termas com nascentes de água a 86°C. A nossa questão era – então como valorizar esta potencialidade?

Nós tínhamos conhecimento que, por essa Europa fora, as termas se estavam a transformar num grande pólo de atracção turística em várias regiões, nomeadamente nas regiões rurais, em particular em França, por exemplo, como uma alternativa às praias. Também sabíamos que algumas termas francesas estavam a ser exploradas numa lógica de benefício imediato das populações e de dinamização de pequenas aldeias. Estes dois aspectos vinham ao encontro das nossas ideias. Quando em Bruxelas vimos como funcionava esta coisa da cooperação, descortinei que seria possível aproveitar a cooperação no âmbito do LEADER para promover um projecto sobre termalismo, exactamente para procurar respostas para as nossas dificuldades.

O que é que cada um tinha para dar e esperava receber?

Os austríacos tinham a ideia de realizar o site, dominavam a tecnologia e preparavam-se para procurar parceiros. Os franceses tinham conhecimentos de marketing e experiência na promoção das termas, o que nos interessava muito e aos espanhóis também. Os espanhóis, por sua vez, estavam a estudar uma série de produtos inovadores nas termas, ligados aos tratamentos. Nós estávamos bastante avançados no estudo da água, enquanto património e recurso natural.

Na definição do próprio projecto e na distribuição dos trabalhos que cada GAL ia coordenar, tivemos em consideração aquilo em que cada um era "especialista".

Quais foram as grandes dificuldades do projecto?

Quando estávamos a preparar o projecto pensámos que íamos ter dificuldade em angariar parceiros. Afinal, não há termas em todos os lados. Mas, para grande surpresa minha, após formalizar a intenção de candidatura, não faltaram parceiros. Até tivemos que dizer que não a alguns e que convencer o Observatório a deixar-nos prosseguir com seis parceiros.

A questão da língua, principalmente do alemão, foi um grande obstáculo, pois optámos por fazermos nós próprios a tradução, o que nalgumas reuniões foi muito cansativo. Em determinados momentos, este problema gerou alguma desconfiança entre os parceiros, pois nem tudo era igualmente entendido por todos e havia muito trabalho de corredor.

A principal dificuldade do projecto foi a heterogeneidade do grupo, que nos mostrou que vai ser muito difícil chegar a uma imagem comum do termalismo europeu em meio rural. Na Áustria as termas são um centro lúdico e em Portugal são um centro medicinal. Esta diversidade de realidades dos territórios envolvidos tornou-se numa das mais-valias do projecto, pois obrigou a fazer um esforço suplementar para estudar os diversos tipos de problemas.

Agora que o projecto se aproxima do fim, qual é o balanço da ADRAT?

Se me perguntarem se o projecto cumpriu, de facto, os objectivos que nós tínhamos programado inicialmente, eu acho que não. Agora, se me questionarem sobre o sucesso do projecto, acho que o projecto é um sucesso. Não conseguimos aproveitar este projecto de cooperação transnacional para promover os pequenos espaços rurais com termas. Mas tiraram-se muitos ensinamentos. O intercâmbio foi muito importante. Conhecemos a realidade termal dos territórios dos parceiros estrangeiros e conhecemos melhor alguns actores do nosso próprio território. Lançámos as bases de novos projectos de cooperação, na área do termalismo e não só. Produzimos material promocional e lançámos um site europeu sobre termalismo, que vai ser a base para a criação de uma rede de regiões rurais com termas. Na região, o projecto valeu a pena principalmente porque se deu o primeiro passo para que as termas deixassem de ser um turismo de doentes para passarem a ser um turismo de saúde. Convenceram-se as pessoas que as termas têm potencial turístico.

Quais os elementos-chave deste projecto de cooperação?

Em primeiro lugar o facto de se ter definido um objectivo comum e de todos os parceiros acreditarem no trabalho do projecto. Em segundo lugar, o aparecimento do projecto numa altura em que "as termas estão na moda" e o seu enquadramento por um programa como o LEADER onde ninguém antes falava em termas. Através do projecto, trouxemos o termalismo para o desenvolvimento rural. Muitas instituições da nossa região, e das outras também, aperceberam-se que aquelas "coisas" que toda a gente conhecia, mas que estavam ali, à margem, há centenas de anos podiam ser parceiros dos processos de desenvolvimento.

Por último, a metodologia utilizada. Foi uma metodologia muito pragmática, onde se procurou não perder tempo. E acho que esta metodologia de alguma forma inflexível deu também uma certa contribuição para o sucesso do projecto.

* Entrevista conduzida por Luís Chaves

Termalismo em Meio Rural

Todos os grupos parceiros possuem termas ou fontes de água mineral nos seus territórios, que não estão convenientemente valorizadas. O objectivo do projecto é procurar conjuntamente os modos de melhor valorizar este recurso, em particular no plano turístico.

Realizou-se um importante trabalho de preparação de fichas, caracterizando a situação do sector termal em cada território e os desafios que se lhes apresentam.

Tendo em conta a diversidade de situações de partida, os parceiros puseram-se de acordo sobre os objectivos principais, para os quais se devia orientar o projecto a financiar na Medida C do LEADER:

- acolher melhor os utentes;
- propor novos produtos e diversificar as actividades das termas;
- atrair uma nova clientela, através do recurso a meios de promoção e comunicação adaptados.

Realizaram-se 6 estudos temáticos, cada um coordenado por um parceiro, com base em grelhas de análise elaboradas em comum. As reuniões do projecto, foram realizadas nos territórios de todos os parceiros, envolvendo também outros actores locais para além dos GAL, permitindo descobrir os territórios e a situação termal do conjunto da parceria.

Parceiros: Alto Tâmega (PT-TM01) (coordenador), Calatayud (ES-AR06), Les Volcans (FR-AU09), Thermenregion Stegersbach (AT-BL08), Alto Palancia-Alto Mijares (ES-VA02), Montagne Ardéchoise (FR-RA04).

8ª COMISSÃO NACIONAL



Fotos: Francisco Botelho

20 de Setembro de 2000

Um cesto de coisas boas

A hospitalidade do mundo rural é proverbial. De Norte a Sul, os visitantes são atendidos com a amabilidade de quem gosta de receber e partilhar do que tem.

O LEADER tem o espírito da hospitalidade. E com os anos, as Comissões de Acompanhamento têm primado pelo cuidado de receber. Todos os pormenores da organização são cuidados e o que de bom a terra produz é oferta para os visitantes.

E apesar do hábito, é sempre uma surpresa ser recebido, no quarto do hotel, com um cartão de boas-vindas e um cesto de coisas boas. Os licores da terra, o mel, o azeite, a marafona, a adufa e a muita e cuidada informação que se vem produzindo sobre a região. E a música tradicional, em cuidadas edições CD. Os olhos repousam, felizes. E a lembrança é guardada, para partilhar mais tarde com as gentes da casa.

Uma ceia medieval

O jantar do dia da recepção é feito nas casamatas da fortificação de Almeida. Espaço magnífico, subterrâneo, abobadado em granito a que a iluminação cuidada dá um destaque especial. E foi aí que, em mesas corridas, os comensais se confrontaram com uma ceia medieval, servida em tábuas de madeira e com a dificuldade técnica da não utilização de garfo. Os pratos foram correndo, na cadência lenta de uma época sem relógios, ouvindo-se de quando em vez a actuação dos jograis. E do bobo, por acaso pouco bobo, escondido no meio da trupe.

Os sons correm solenes por entre as pedras...

A organização da Comissão de Acompanhamento quis brindar os participantes com um espectáculo musical num dos muitos espaços magníficos da Praça de Almeida. Os sons das flautas de Shen Ribeiro ecoaram nas abóbadas.

Para quem não sabe, Shen Ribeiro é um músico brasileiro que tem no seu sangue genes de Portugal e do Japão. Formado em São Paulo, rumou em 1987 para o Japão, na esperança de encontrar as suas raízes e de se especializar na flauta tradicional japonesa. Circunstâncias da vida fizeram com que Shen fizesse um recital por ocasião das Comemorações dos 700 anos do Tratado de Alcanices, em Almeida. E que descobrisse o fascínio de um toque das Trindades no sino da velha Igreja de Leomil. O destino selou um encontro que ainda dura e que gerou, nestes anos passados, um magnífico CD duplo, "Peregrinatio", com os sons da flauta ecoando nas Igrejas da Raia. Uma obra que merece ser ouvida religiosamente porque nela ecoa a alma de um povo interpretada por quem transporta em si a mistura de culturas que o génio português criou.

E os sons das flautas de Shen Ribeiro ecoaram nas abóbadas de Almeida, mas o grande fascínio da noite estava guardado para o fim, altura em que a magnífica voz de Isabel Silvestre se fez ouvir, entremeada com os sons da flauta. Um momento mítico, daqueles que poucas vezes se tem o privilégio de usufruir.



DE ACOMPANHAMENTO LEADER II



fotos: Francisco Botelho

21 de Setembro de 2000

Um espaço privilegiado para o trabalho

A manhã estava destinada aos trabalhos da 8ª Comissão de Acompanhamento do Programa LEADER II em Portugal. E a organização local preparou um espaço único para o efeito. O chamado Picadeiro do Rei, primorosamente recuperado, recebeu a centena e meia de participantes deste Encontro. Numa sala com mais de 600 m², decorada a preceito, os actores do LEADER em Portugal e a representante da Comissão Europeia tiveram a oportunidade de fazerem o ponto de situação do Programa. Falou-se de Cooperação, da Animação, do recente movimento associativo que envolve as ADL LEADER. E aprovou-se o Relatório de Execução Anual relativo a 1999.

Ficou, mais uma vez, a ideia de que o difícil caminho da aplicação do LEADER II em Portugal está a ser percorrido com grande empenho e profissionalismo pelos diversos actores, agora preocupados com a fase de transição entre Quadros Comunitários e crenças na continuidade da sua intervenção.

De projecto em projecto, com a gastronomia beirã sempre presente

A tarde foi consagrada à visita a projectos. E foi bonito começar pela visita ao Forno Comunitário do Azinhal, recuperado com o apoio do LEADER. Foi bonito ser recebido pela população em peso, ansiosa por demonstrar a importância que uma estrutura colectiva, integrante da identidade da povoação, pôde ter na sua dinamização. A aldeia revê-se e revive neste projecto, acreditando que a Europa a pode ajudar na construção do seu futuro. Foi isso que sentiram as entidades presentes, foi isso que sentiram os técnicos das ADL. Um verdadeiro trabalho de envolvimento das populações foi aquilo que foi mostrado no Azinhal. E apetecia ficar ali, no meio das gentes, a partilhar a esperança...

Mas o programa (que nunca foi cumprido) exigia mobilidade. Quanto mais não fosse para saborear os infintos sabores de um interminável almoço. Tivesse a gente estômago digno dos nossos antepassados e as refeições desta Comissão de Acompanhamento teriam sido a antecâmara do Paraíso... Mas não temos, já não temos a fibra dos antigos defensores da fronteira que cevavam em vitelas as energias que lhes permitiam combater os castelhanos.

A Ludoteca de S. Sebastião foi um momento de pausa nas lides gastronómicas. Pena não podermos ficar a brincar com as crianças encantadas por se verem motivo da curiosidade de tão "ilustres" visitantes.

No Auditório do Convento de S. Francisco ouvimos "fantasmas". Os sons saíram por entre as paredes até que o palco se abriu e mostrou o Coro da Santa Casa da Misericórdia de Trancoso.

O Solar do Queijo da Serra, em Celorico da Beira, albergou a extenuada comitiva, que não se negou à prova do queijo e de um néctar tinto local. Pesada prova para quem, num curto intervalo, teve de passar a um pantagruélico jantar de três pratos. Que apesar de servido em plenas piscinas municipais não afundou ninguém. Ainda houve quem encontrasse coragem para se "perder" na noite...



22 de Setembro de 2000

Fim dos trabalhos, início das saudades

A manhã foi consagrada ao trabalho. E a 8ª Comissão de Acompanhamento tomou conhecimento do ponto de situação da candidatura portuguesa ao LEADER +, para depois se debruçar sobre o trabalho de Avaliação final do LEADER II através do Relatório recentemente apresentado pela equipe de Avaliação. Um trabalho que se revelou merecedor de uma mais profunda reflexão, a ser produzida nas reuniões das Comissões Locais de Acompanhamento que se preparam por todo o país.

Para além da parte institucional, as Comissões Nacionais de Acompanhamento são um momento único para reunir a "Família" LEADER. Não é de estranhar, pois, que as despedidas sejam feitas com alguma "saudade" à mistura. Não é de estranhar também que alguns tenham prolongado por mais uns tempos a estada, em visita organizada à região.

A Raia Histórica e as ADL da Beira Interior fizeram juz à hospitalidade portuguesa. Quem dela beneficiou não a irá esquecer...

Manuel Guardão, presidente da Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho

"A minha formação é pouco mais que analfabeto. Já tinha uma ideia do que queria ser mas nunca me passou pela cabeça que viria a ser autarca, muito menos, dirigente associativo."



Começa a trabalhar aos 12 anos e ainda não tinha 14 quando vai para os caminhos-de-ferro. Emigrava para Barcelos durante a semana e ia a casa aos fins-de-semana. O pai era guarda fiscal. A mãe não tinha profissão. Tomava conta da casa e dos filhos. Para além do Manuel, o casal tinha mais cinco filhos. Uma casa pobre que começa a registar algum equilíbrio financeiro com o salário do Manuel. Aos 18 uma doença atira-o para uma cama e a família Guardão volta a viver momentos difíceis. Dois anos passam sem que possa voltar a contribuir para o frágil orçamento familiar. Por influência do médico que o assiste, Manuel começa a fazer umas coisas em madeira. Entretanto surge uma oportunidade de trabalho em Angola na barragem de Cambambe. Manuel vai e fica por lá três anos. Quando desembarca em Lisboa não pensa duas vezes e é para Moledo que se dirige. O gosto pela madeira persiste. Manuel Guardão constrói barcos e casas e abraça a profissão de carpinteiro. Aos 50 é eleito, pela primeira vez, para a Assembleia da Junta de

Freguesia (de Moledo). Começa assim, e oficialmente, a vida de Manuel Guardão autarca. Longe ia o tempo que andou a colar cartazes do partido (PS). Ainda o partido não existia. Uma coragem que só se tem quando se tem 20 anos. Hoje, ao lembrar o episódio até se arrepiá. Eram outros tempos; outras guerras.

Foi nessa altura – quando entrou para a Junta – que aconteceu uma coisa que o fez gostar ainda mais da floresta. Um convite (da Portucel) para explorar os baldios da freguesia chega à mesa do presidente que imediatamente passa para outras mãos. Para as do Manuel Guardão. Empossado de poderes para tal, toma a tarefa a peito. De tal maneira que quando o negócio chega à Junta já estava quase regularizado. "Negociei tudo, inclusive a parte que dizia respeito ao plantio de árvores. Exigências. Tudo isso foi aceite. Quando cheguei à Junta, volvidos alguns seis ou sete anos, já o pinhal estava grande, já apetecia vê-lo".

Entretanto, foi eleito vice-presidente da Associação de Comércio e Indústria dos Vales do Minho e Coura (ACIVAC), numa altura em que esta se encontrava já a preparar caminho para a Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho (Adriminho). Apanhou o processo e foi, quase simultaneamente, promovido a presidente da ACIVAC. Nasce a Adriminho e a ACIVAC fica com o lugar de tesoureiro na Direcção da Associação. Mas surgem problemas na ACIVAC. Manuel Guardão sai. Ao mesmo tempo – e é aqui que começa a história da Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho – desenvolvem-se encontros entre várias entidades, entre as quais a Adriminho, para constituir uma associação florestal. A Adriminho apadrinha o projecto apoiando a implementação e dinamização da Associação. Um apoio mais logístico que financeiro e enquadrado no Programa LEADER II.

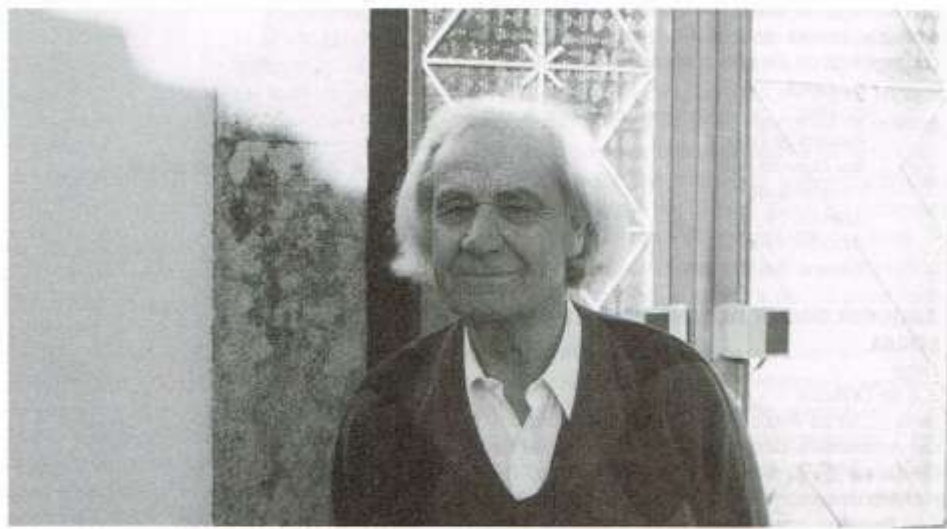
Mas as divergências eram mais do que as vontades. O que leva Manuel Guardão a assumir uma intervenção bastante activa na discussão e elaboração dos estatutos da associação. No final, ou melhor no princípio, "fizeram-me presidente da direcção". Como havia eleições na Adriminho acabei por ficar, também como tesoureiro mas, desta vez, a representar a Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho".

missionário à força

Hoje, olhando para trás Manuel Guardão nem sabe como conseguiu pôr a associação de pé. Diz que não foi fácil, nada fácil. E continua a não ser. Foi uma aventura. "Foi como entrar dentro de uma casa vazia. Não havia nada. Era um deserto. A nossa única tábua de salvação foi a Forestis (Associação Nacional Florestal) que nos deu força, alento e uma técnica, uma engenharia". Manuel Guardão começa então uma autêntica via sacra (que me perdoe a expressão), qual missionário. "Começamos pela parte mais alta da região, hoje aqui, amanhã acolá. Com os padres, com os presidentes de Junta, Câmaras. Reunimos nos locais mais incríveis. A todos a nossa cruzada era: não vimos pedir dinheiro; pedimos apenas que se associem e que nos confiem a elaboração de projectos para recuperar a vossa floresta. Foi muito difícil combater o individualismo e a falta de... como direi, de fé naquilo que nos propúnhamos fazer. E porque uma das características do nosso povo é que acredita muito pouco no associativismo". Uma palavra que não entra facilmente no ouvido. É preciso tempo. Tempo para explicar e tempo para ganhar audiência. "O padre tem uma audiência. Nós não. Um presidente de Junta ou um presidente de uma associação só tem algum valor junto da comunidade se lhe proporcionar favores e na hora em que querem. Se não tiver nada para dar, ninguém lhe liga".

Presidente da Junta de Freguesia de Moledo há dois anos ("antes exercia o cargo de secretário embora na prática fui sempre eu quem geriu a Junta"), Manuel Guardão diz que só quando começou a apresentar algum trabalho feito é que o povo começou a acreditar nele. Nele não, corrige, no trabalho por ele desenvolvido. "Ainda hoje não acreditam em mim. O que vêm é que efectivamente a Junta gerida por mim directa ou indirectamente progrediu. Mas só por isso. Porque enquanto Manuel Guardão não. As pessoas não gostam de mim porque não vou à Igreja. Porque não sou católico. E isto – o factor religioso – parecendo que não, acredite que é verdade, tem muito mais poder do que se possa imaginar".

Estas coisas, diz, "só vingam por carolice" e "sacrifícios muito grandes". A Associação está a funcionar a 100%. As dificuldades existentes são de tesouraria. "As vezes,



Ao encontro de um homem da floresta foi na praia de Moledo que encontramos Manuel Guardão. Por acaso, ou talvez não. Nado e criado em Moledo, numa casa a apenas 150 metros do mar, nunca pensou em ir viver para outro lugar. Mas ainda assim, cedo se voltou para o monte. Para a floresta. Gosta do mar e da praia mas é no meio das árvores que se sente bem. Actualmente, divide as vinte e quatro horas do dia entre a Junta de Freguesia, a Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho e muitos outros fazeres que os seus 72 anos, quase 73, ainda lhe permitem dar conta. Há dias que se sente particularmente cansado.

chega ao fim do mês e não há dinheiro para pagar às técnicas. E isso é uma coisa que me dói muito. É uma mágoa que tenho". Como resolver o problema? Para já, "era necessário que os sócios – e são quase duas centenas – sabendo das nossas dificuldades, fossem os primeiros a dar o passo. Os sócios pagam uma quota mas o valor é mais simbólico que qualquer outra coisa. Números redondos, recebemos dos sócios e anualmente não chega aos 400 contos". E se há cinco anos atrás muitos não acreditassem que a Associação tinha pernas para andar, hoje a situação é diferente. "Já se verifica que a Associação, quer pelos projectos levados a cabo, quer pela sua qualidade de execução, é reconhecida pelo seu trabalho. Alcançámos uma credibilidade no universo das associações florestais digna de registo".

"enquanto puder arrastar as botas"

Passados quase cinco anos, Manuel Guardão está cansado e quer sair. Acredita que até vai sentir saudades. Gosta muito do que faz, tanto na Junta como na Associação. Mas acha que já atingiu uma idade, e a mente permite-lhe avaliar isso, que já não pode continuar por muito mais tempo. "Porque tenho consciência dos meus 72 anos, proximamente 73. Prevejo que sou capaz de aguentar mais algum tempo; enquanto puder arrastar as botas. Porque à medida que vou envelhecendo sou capaz de começar a pensar que isto é meu e não é. Por outro lado, entendo também, e é verdade, que os mais novos são completamente alheios àquilo que se passa; o que se faz e porque se faz. Os jovens por muito boa vontade que tenham falta-lhes poder de autonomia, familiar e financeira. Ser gerente de uma associação implica perder tempo. E implica motivação. Só se vai se se gosta. E porque, neste momento, também não vejo quem queira aceitar isto".

Na opinião deste dirigente associativo, há ainda um longo caminho a percorrer. "Só pela lei, pelo decreto não vamos lá. A questão da formação, por exemplo, é essencial. É factor predominante para que nos possamos desenvolver. As pessoas ainda não repararam no efeito do trabalho associativo. Sem associativismo não vamos a lugar nenhum. Existe um efeito rede que ainda ninguém

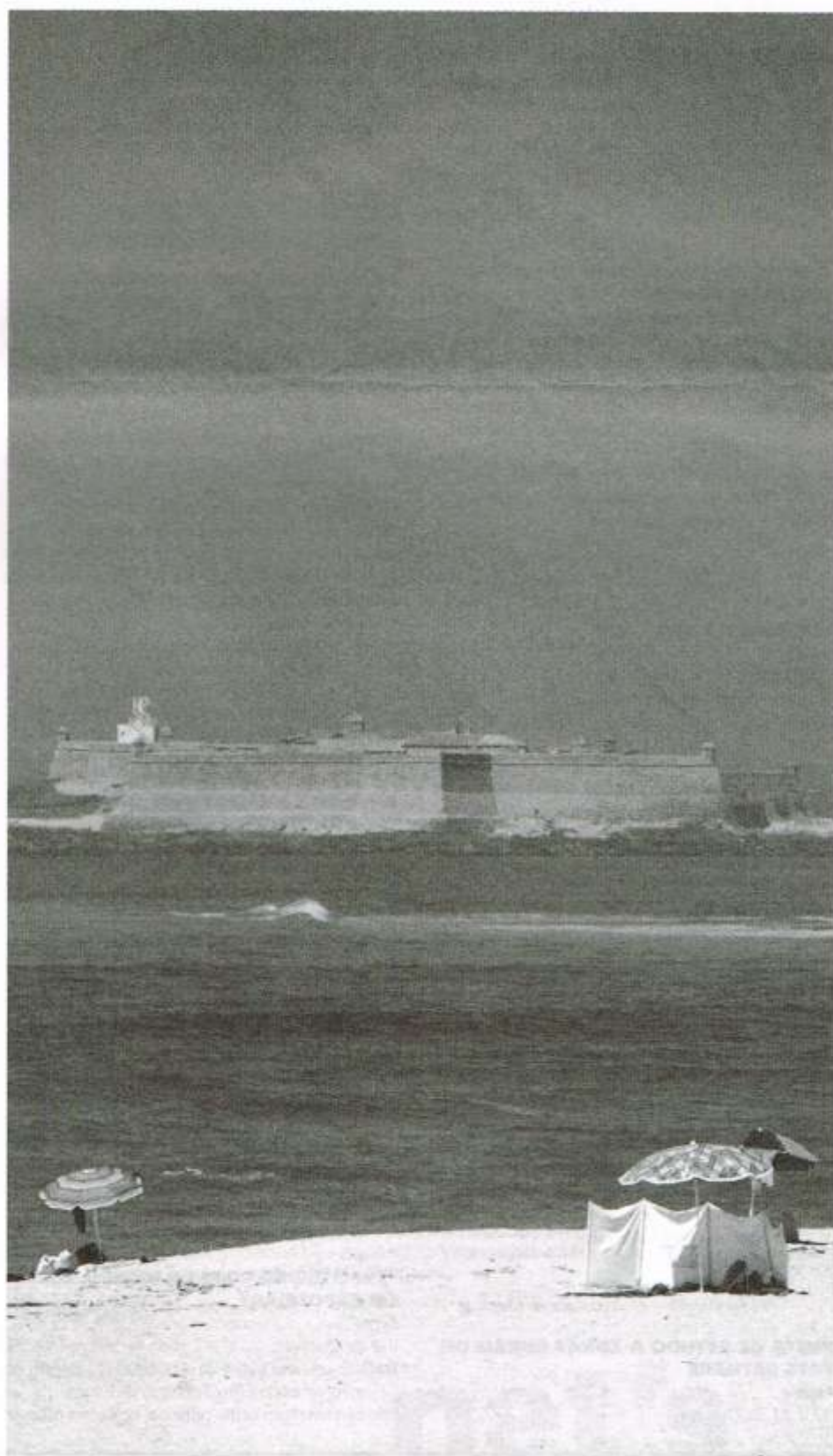
compreendeu. Ou poucas pessoas o compreenderam. Porque se o compreendessem... Por exemplo, no caso da associação. Existe este efeito rede mas existem muitas pontas. Nós temos floresta mas não temos pessoal formado. Dai também a questão dos fogos. E se tivéssemos pessoas formadas talvez tivéssemos menos fogos. Embora esteja convencido que a maioria dos fogos acontece por incúria e negligência. Há falta de informação mas há também muita falta de educação".

Em relação à Associação de Produtores Florestais acontece ainda uma coisa muito curiosa. A associação é considerada pela maior parte dos proprietários florestais como uma entidade do Estado. Porquê? Porque as técnicas são do Estado, a viatura, cedida pela Direcção-Geral das Florestas (DGF), é do Estado. E isto incomoda Manuel Guardão. Incomoda-me porque somos conotados com a DGF quando somos uma entidade completamente independente da DGF. A minha vontade, se fosse um jogador da lotaria ou do totoloto, acredite, e se fosse premiado, era separar as coisas. Punha o dinheiro todo na associação para se tornar independente".

Se, e numa perspectiva mais terrena, lhe fosse possível pedir um desejo, Manuel Guardão "gostaria que o novo Quadro Comunitário de Apoio garantisse às associações de produtores florestais, porque é sobre estas que posso falar, condições de sobrevivência com dignidade. Para poderem desenvolver um trabalho mais digno em proveito da comunidade, substituindo-se ao Estado, como estamos a fazê-lo. Porque gente que faça há. Mas que separasse o trigo do joio. Nós não queremos favores. Queremos que nos garantam financiamento e queremos ser fiscalizados. Quando nós não procedermos de acordo com a lei penalizem-nos".

Enquanto isso e se "eu tiver forças para continuar, se tiver inteligência suficiente ou se a inteligência não me faltar, se tiver a coragem, como tenho hoje, de avaliar as minhas capacidades, pode ser que aguarde mais algum tempo".

Texto e Fotos de Paula Santos



PAISAGEM ALENTEJANA, SUA FAUNA E FLORA

15 de Setembro a 20 de Maio de 2001
Organizada pelo Centro de Estudos de Avifauna Ibérica, no âmbito da Iniciativa Comunitária LEADER, esta exposição pretende mostrar alguns dos retalhos que compõem a paisagem alentejana. A exposição irá passar por vários locais entre Setembro e Maio:
Évora - 15 a 30 de Setembro
Mértola - 9 a 15 de Outubro
Arraiolos - 21 a 29 de Outubro
Alvito - 1 a 12 de Novembro
Sarpa - 15 a 23 de Novembro
Alter do Chão - 25 a 29 de Novembro
Portel - 1 a 10 de Dezembro
Lisboa - 18 de Dezembro a 3 de Janeiro
Évora - 8 a 26 de Janeiro
Mourão - 29 de Janeiro a 9 de Fevereiro
Mora - 10 a 25 de Fevereiro
Vila Viçosa - 12 a 25 de Março
Moura - 2 a 15 de Abril
Santiago do Cacém - 7 a 20 de Maio

CORRIDAS DE ORIENTAÇÃO

Citânia de Sanfins
30 de Setembro
A ADER-SOUSA - Associação de Desenvolvimento Rural das Terras do Sousa organiza esta iniciativa que se insere no âmbito do Programa LEADER II. "Terra do Sousa/Continuar Inovando" conta com a participação de jovens oriundos dos três concelhos da Zona de Intervenção desta Associação, havendo uma atribuição simbólica de prémios aos três primeiros classificados e a todos os participantes.
Contactos:
Grupo de Acção Local
ADER-SOUSA
Tel. 255 311 230
Fax. 255 311 275
ader.sousa@mail.telepac.pt

SEMINÁRIO: "PARTILHAR AS LIÇÕES DA INICIATIVA LEADER"

27 de Setembro a 1 de Outubro
A Comissão Europeia, em colaboração com o Observatório, realiza, na Dinamarca, mais um seminário. O principal objectivo deste seminário é, essencialmente, o de dar a conhecer os ensinamentos da iniciativa LEADER a novas audiências.
Contactos:
Catherine de Borchgrave/Catherine Engels
LEADER European Observatory
260 Chaussee Saint Pierre
B-1040 Brussels
Fax : +32 2 736.04.34
organisa@aeidl.be

FESTIVAL DA TRADIÇÃO

Santarém
28 de Setembro a 1 de Outubro
O primeiro Festival da Tradição e I Encontro Ibérico de Jogos e Desportos Tradicionais e Feira Nacional de Artigos e Produtos Tradicionais tem lugar no CNEMA, em Santarém. Animado com espectáculos populares envolve actividades como a matança do porco e largada de touros e tem na actividade dos Jogos tradicionais a sua principal originalidade, prevendo uma intensa animação com a população escolar.
Contactos:
http://www.aproder.com

XI ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Porto
4-7 de Outubro
Vai decorrer no Porto mais um Encontro Nacional de Educação Ambiental intitulado "A Urbe e o Rio". A organização deste encontro está a cargo do Pelouro do Ambiente da Câmara Municipal do Porto, do Instituto de Promoção Ambiental e do Parque Biológico Municipal de Gaia.
Contactos:
O Mundo da Educação Ambiental
www.educacaoambiental.pt
www.ipamb.pt
para qualquer assunto:
Pedro Macedo - info@educacaoambiental.pt

VISITA DE ESTUDO A ZONAS RURAIS DO PAYS CATHARE

França
17 a 21 de Outubro

Organizada pela ADRAT, com o apoio do Programa INTERREG, esta visita tem por objectivo tomar conhecimento de aspectos ligados à dinamização do turismo rural e comercialização de produtos locais, tendo como base a região de Carcassonne. Para esta visita de estudo foram definidas as seguintes áreas temáticas para serem tratadas neste intercâmbio:
— Iniciativas colectivas no mundo rural;
— A criação de imagem e a promoção de zonas rurais;
— Cooperativismo e Associativismo de Produtores para a elaboração e comercialização de produtos do campo
— Indústrias agro-alimentares e transformadoras localizadas em zonas rurais;
— A criação de lojas e boutiques de venda de produtos locais e artesanato.
Contactos:
ADRAT - Associação de Desenvolvimento da Região do Alto Tâmega
Tel. + 351 276 34 09 20
Fax. + 351 276 34 09 29
adrat@mail.telepac.pt

CIRCUITO TEMÁTICO "A APANHA DOS MÍSCAROS"

Montalegre
21-22 de Outubro
A descoberta da variedade dos cogumelos e do seu valor gastronómico através dos carvalhais e pinhais da região do Barroso.
Contactos:
NaturBarroso
Terreiro do Açougue (Castelo),
5470 MONTALEGRE
tel. 91 743 10 58 / 96 566 30 68
probarroso@probarroso.jazznet.pt

OUTRAS INICIATIVAS COM INTERESSE

CICLO DE COLÓQUIOS/FORMAÇÃO SOBRE "QUESTÕES AMBIENTAIS E ASSOCIATIVISMO"

Caldas da Rainha
22, 27 e 29 de Setembro
Estes colóquios realizam-se no âmbito do Projecto Delfim, promovido em parceria com o Instituto do Emprego e Formação Profissional e têm por objectivo introduzir vectores de excelência em toda a futura formação a efectuar no nosso país. Os colóquios têm como temas: nos dias 22 e 29, "Problemas Ambientais Locais e Regionais e Propostas Futuras de Actuação" e "Quadro Legal na Área do Ambiente" e, no dia 27, "Organização da Sociedade Civil no Mundo Rural".
Contactos:
Projecto Delfim
Sub - Projecto Desenvolvimento Rural
Grupo de Caldas da Rainha - Coimbra
lacerda.fonseca@clix.pt
rop78139@mail.telepac.pt

II FEIRA DE AGRICULTURA BIOLÓGICA, AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA "PORTO 2000"

Porto
29 de Setembro a 1 de Outubro
Esta Feira, promovida pelo Centro de Informação e Animação Rural Europeu - Carrefour Norte Portugal, departamento de informação europeia do Instituto para o Desenvolvimento Agrário da Região Norte - IDARN, pretende de novo sensibilizar não só o Mundo Rural, como também o consumidor urbano para as virtualidades dos produtos biológicos.
Contactos:
Rita Sousa ou António Azevedo
Carrefour Norte Portugal
Rua do Monte, Crastró
4485 - 661 Vairão
Telefone- 252660400
Fax: 252661780
email:cir.norte@mail.icav.up.pt

"EXPO ÉVORA 2000 - O MUNDO RURAL EM EXPOSIÇÃO"

Évora
4-8 de Outubro
Trata-se de uma iniciativa do CDAPEC - Centro de Desenvolvimento Agro-Pecuário de Évora. Este certame tem como principal objectivo promo-

ver, divulgar e valorizar os produtos e serviços do Meio Rural Alentejano. Os visitantes podem saborear os produtos regionais alentejanos, vinhos, mel, enchidos regionais e desfrutar de uma vasta oferta de produtos e serviços regionais de elevada qualidade e diversidade.
Contactos:
CDAPEC - Centro de Desenvolvimento Agro-Pecuário de Évora
Rua Diana de Aviz
Horta do Bispo
Apartado 25
7000-501 Évora
Telefone: 266 771 499

ARQUEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Liège
5-6 de Outubro
Uma acção da Associação Internacional Ruralidade, Ambiente e Desenvolvimento, no âmbito da campanha do Conselho da Europa "Europa, um património comum". Este Encontro Internacional é composto por uma conferência, em que se irá discutir a relação da arqueologia com o desenvolvimento local, e por uma visita guiada à região.
Contactos:
Rue des Potliers 304, B - 6717 Attert
Fax. + 32 63230499

CURSO DE FORMAÇÃO DE MONITORES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Clube Recreativo Avintense - Avintes
16 de Outubro
O Curso possui vários módulos, entre os quais: "Planeamento e preparação de sessões temáticas", "Utilização de meios audiovisuais", "Elaboração e montagens de exposições", "Planeamento e dinamização de visitas de estudo", "Contactos com organismos" e "Montagens de estruturas de apoio a actividades de educação ambiental".
Contactos:
ONDA VERDE - Associação Juvenil de Ambiente e Aventura
Rua 5 de Outubro, 193
4430 - 803 Avintes - Vila Nova de Gaia

MUNDO RURAL: TRANSFORMAÇÃO E RESISTÊNCIA NO SÉCULO XX

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
27-28 de Outubro
Organizado pelo Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa e pelo Instituto de História Contemporânea, o Colóquio Internacional está organizado em quatro painéis: "A Problemática dos Movimentos Sociais Rurais", "Os Campos: Permanências e Mudanças", "Acção e Ideologia nos Campos" e "Resistência e Conflito".
Contactos:
Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa
Avenida de Berna, 26 - C
1050 Lisboa
tel. 21 793 35 19 / fax. 21 797 77 59

EUREGIA - DESENVOLVIMENTO LOCAL NA EUROPA

Leipzig
25-28 de Outubro
A EUREGIA é um congresso e uma feira internacional sobre desenvolvimento local que terá lugar em Leipzig, na Saxónia. Alguns dos temas abordados serão: "Desenvolvimento Regional Integrado e Sustentável", "Planeamento Regional", "Cooperação Transnacional", "Marketing das Regiões".
Contactos:
http://www.euregia.de (em alemão)
No âmbito da EUREGIA a Unidade LEADER Alemã está a programar um seminário e uma exposição sobre projectos LEADER. O seminário decorrerá no dia 27 de Outubro e terá como tema "Novas estruturas nas relações rural/urbano - uma oportunidade para as zonas rurais?".

TERRA SÃ: FEIRA DE AGRICULTURA BIOLÓGICA, AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA

Pavilhão Carlos Lopes - Parque Eduardo VII
27-29 de Outubro
Organizada pela AGROBIO, uma Associação que pretende a generalização da produção e do consumo de produtos saudáveis, que não implicam a

contaminação do ambiente.
Contactos:
AGROBIO - Associação Portuguesa de Agricultura Biológica
Tel. 21 364 13 54 / 21 362 35 85
Fax. 21 362 35 86
agrobio@mail.teleweb.pt
www.agrobio.pt

SEMANA DO EMPREGO 2000

Bruxelas
7-9 de Novembro
Em Março último, a União Europeia realizou um seminário sobre "emprego, reforma económica e coesão social para uma Europa de inovação e conhecimento". Um novo objectivo estratégico foi estabelecido: "tornar-se o mais competitivo e dinâmico conhecimento baseado na economia, em todo o mundo, capaz de um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos e maior coesão social". O propósito desta estratégia é o de conseguir as bases para o pleno emprego e fortalecer a coesão regional na próxima década. Agora, na 8ª Semana do Emprego vão ser examinadas as implicações destes desafios para a nova economia e para a política. A conferência será composta por: sessões plenárias, sessões sobre problemas do emprego, mesas redondas, Briefings informativos e grupos de discussão.
Contactos:
Caroline Stevens, Administrator
Touchstone Exhibitions & Conferences Ltd
Haleon House, 4 Red Lion Street,
Richmond, Surrey TW9 1RW, UK
Tel: +44 (0) 20 8332 0044
Fax: +44 (0) 20 8332 0874
cstevens@touch-stone.co.uk
www.employmentweek.com

II CONGRESSO IBÉRICO SOBRE GESTÃO E PLANIFICAÇÃO DA ÁGUA

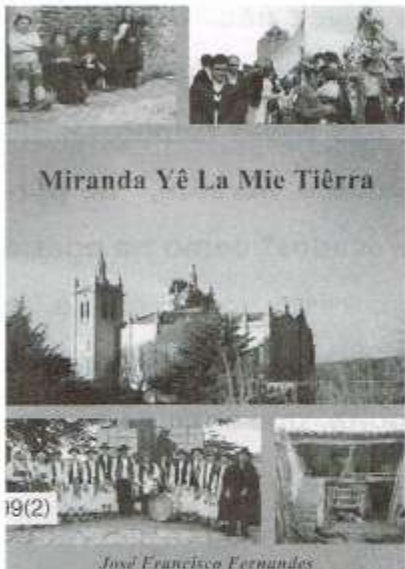
Porto
9-12 de Novembro
Este segundo congresso tem como tema central de discussão a Aplicação em Portugal e Espanha da Directiva-Quadro da Água. As principais matérias em discussão são: "Protecção e qualidade de águas superficiais, incluindo estuários e costeiras, assim como águas subterrâneas", "Gestão de bacias hidrográficas", "Usos, valor e preço da água" e "Participação dos cidadãos".

CONGRESSO NACIONAL DE CITRICULTURA

Faro - Auditório da Universidade do Algarve (Campus de Gambelas)
16-18 de Novembro
Numa organização conjunta de várias entidades, este congresso nacional pretende abordar todos os aspectos ligados ao Sector Citrícola. Com destaque para os seguintes temas: "Material Vegetal e Protecção Fitossanitária", "Tecnologia de Produção", "Economia, Comercialização e Industrialização" e "Medidas de Apoio e Políticas para o Sector".
Contactos:
Cristina Dourado/Carmen Dias
Tel. 289 870 700
Fax. 289 816 048

3ºS ENCONTROS DE IMAGEM E SOM DO NORTE ALENTEJANO

Portalegre
18-26 de Novembro
A 3ª Edição dos Encontros de Imagem e Som do Norte Alentejano voltará a abordar a questão do Ambiente. E tem por objectivo contribuir decisivamente para a consciencialização das comunidades locais, assim como dos visitantes, relativamente aos objectivos ecológicos e ambientais, através dos mais modernos processos, tecnologias e linguagens da Comunicação Audiovisual e Multimédia.
Contactos:
Região de Turismo de São Mamede - Alto Alentejo
Estrada de Santana, 25
7300 Portalegre
tel. 245 300 770
fax. 245 204 053
email: rt.s.mamede@mail.telepac.pt
web site: http://www.rtsm.pt

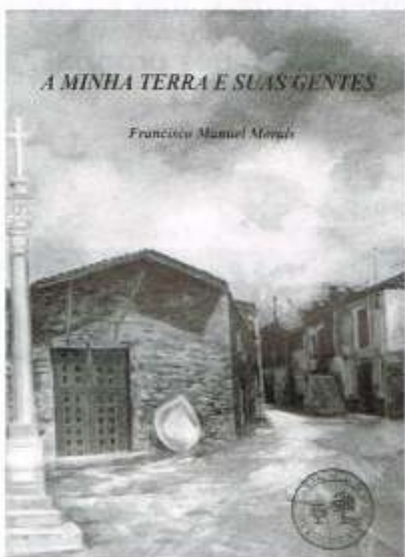


A MINHA TERRA E SUAS GENTES

Francisco Manuel Moraes, Associação Cultural e Recreativa de Soutelo – Mogadouro, 1999

Com o apoio do Programa LEADER II / Douro Superior "Ao percorrer as páginas desta colectânea de poemas, temos como que uma outra perspectiva da terra que o gerou sentindo-se, constantemente, a presença do contador de histórias que nos dá a conhecer ou rememora os usos e costumes das suas gentes". (Do Prefácio)

Um livro composto de muitos poemas e algumas histórias para teatro que nos mostram a vida do povo transmontano. "Havia enorme euforia / À noite, ao virem dos campos, / Dos garotos que, à porfia, / Apanhavam pirlampos. / À laia de brincadeiras, / Pé ante pé, avançavam, / Em direcção às silveiras / Onde tais bichos piscavam." Este é o começo do poema Caça aos pirlampos, um dos muitos em que as 270 páginas do livro nos remetem para o imaginário de uma aldeia rural.

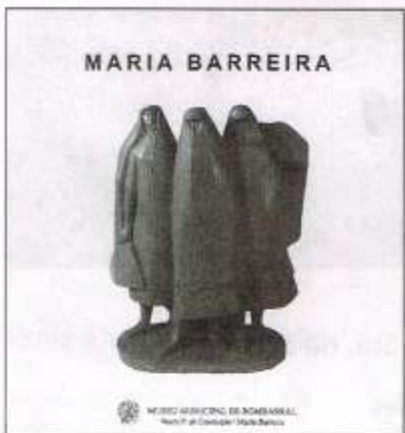


MIRANDA YÊ LA MIE TIÊRRÁ

José Francisco Fernandes, 1998

Com o apoio do Programa LEADER II / CORANE José Francisco Fernandes é um empenhado participante em iniciativas que dinamizam a sua terra, Palaçoulo, onde fundou o Grupo de Pauliteiros de Palaçoulo. Mas é sobretudo na investigação histórica e na estruturação da identidade mirandesa que se tem distinguido. No poema "Miranda yê la mia tiêrra", escrito em mirandês, revela-se a veia poética do autor e transparece palmo a palmo, povoação a povoação, a vida do povo mirandês.

Esta obra "tem para nós o máximo valor, por ser mais uma obra que vai enriquecer a literatura mirandesa que, nos últimos cinquenta anos, ressurgiu e se tem tornado ponto de atracção para a gente da Terra de Miranda e para os estudiosos de Portugal e do estrangeiro", como refere no prefácio António Mourinho, o Director do Museu da Terra de Miranda.

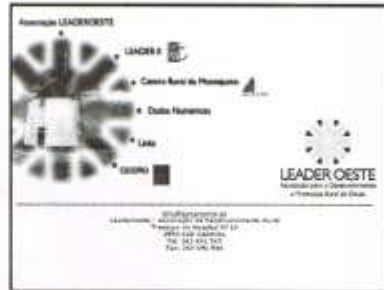


MARIA BARREIRA

Vasco P. da Conceição e Maria Barreira, Museu Municipal de Bombarral, 1999

Com o apoio do Programa LEADER II / LEADER OESTE "O Museu Municipal vai estar a partir de hoje muito mais rico. Também é inegável, que a projecção e valor da artista não precisava deste catálogo, mas não nos podíamos demitir de proporcionar ao público em geral e aos apreciadores em particular, o acesso a uma obra, que contribuirá pela sua qualidade, para dar uma visão global do percurso de vida e artístico da escultora Dr.ª Maria Gonçalves Barreira". (Da Introdução)

Ao analisar-se a obra de Maria Barreira "destaca-se de imediato a centralidade que ocupa a figura feminina, umas vezes mais lírica (Jovem com Flor, 1955, Rapariga com Flauta, 1963, Tocando Pifaro, 1966), outras com tendência para a geometrização formal (Maternidade, 1948, Mulher na Praia, 1966, Nazarena, 1968) e, mais raramente, um ou outro trabalho de pendor abstractizante (Forma Feminina, 1952 e Mãos no Ar, 1972)". Neste catálogo podem ver-se, ainda, 52 esculturas, 9 desenhos e gravuras e 16 medalhas.



http://www.leaderoeste.pt

A morada <http://www.leaderoeste.pt> marca a presença da LeaderOeste - Associação para o Desenvolvimento Rural, na Internet. Neste sítio pode ficar a conhecer esta ADL, tanto do ponto de vista do Corpo Técnico como das instituições que constituem o conjunto dos associados. Para tal basta escolher o título "associação LeaderOeste" na página principal. As restantes possibilidades de consulta passam pelos projectos mais importantes em que a associação está envolvida. Além de gerir o programa LEADER II, a LeaderOeste é responsável pelo CEIDRO - Centro Europeu de Informação da Região Oeste, no âmbito do projecto europeu Carrefours de Informação e Animação Rurais, cujos detalhes informativos estão também disponíveis. Outros projectos, como a Ludoteca Multimédia e o Centro Rural de Montejunto (página em construção) estão, desta forma, acessíveis para consulta, com todos os pormenores de utilização disponíveis. Para qualquer outro esclarecimento é sempre possível remeter para o item "contactos" que é apresentado para aqueles que, apesar das novas tecnologias, ainda preferem um atendimento mais pessoal.



http://concelhos.etc.pt/

Os Concelhos de Portugal estão empenhados na divulgação da sua cultura e das suas potencialidades através dos novos meios de comunicação. Aqui encontra apontadores para os servidores oficiais de várias regiões do nosso país. A estrutura de apresentação é muito simples e funcional, permitindo chegar rapidamente a uma grande variedade de dados sobre o concelho pretendido. Esta informação é normalmente disponibilizada pelos sítios da Internet associados às Câmaras Municipais, e cobrem um grande leque de interesses que vão desde apontamentos históricos, a eventos culturais, a informações mais detalhadas ligadas ao comércio e serviços.

O título "outros links" permite a escolha entre um grande número de apontadores, e além das moradas de sítios com grande interesse a nível institucional nacional, é de destacar a ligação a sites internacionais que de outra forma estariam menos acessíveis.



http://www.zonadopinhal.net/

Este portal regional, apresentado na morada www.zonadopinhal.net, aposta na divulgação e promoção da "Zona do Pinhal" que compreende 24 concelhos da região centro do nosso país. Pela quantidade, e qualidade, da informação que disponibiliza, este parece ser um site essencial para quem quer ficar a conhecer este espaço. Assim, para os visitantes "exteriores" há um conjunto de títulos de consulta, que fazem a promoção e divulgação da região do ponto de vista turístico e também uma caracterização sócio-económica.

Para os habitantes desta região o papel deste site pode ser ainda mais positivo. Além do serviço de utilidade pública, prestado pelo item "Informações", há uma possibilidade de obter informação a nível de contactos de empresas e instituições, comércio on-line, comunicação social regional, arte e cultura, etc., nos diferentes directórios que esta página apresenta. Em fase de preparação está o título "votação", que se estivesse disponível já teria um primeiro voto,.... a favor.



www.poefds.pt

Este é o site oficial do Programa Operacional Emprego, Formação e Desenvolvimento Social (POEFDS) e das Medidas Desconcentradas, do Ministério do Trabalho e Solidariedade. A navegação neste site é simples e intuitiva, sendo a maioria dos itens que aparecem na página de entrada auto-explicativos. A informação disponibilizada on-line é, neste momento, em tudo idêntica à informação contida no manual distribuído nas acções de apresentação que foram realizadas um pouco por todo o país. Para aceder a toda esta informação basta escolher o item "Programa". Convém salientar que durante a semana de 2 a 6 de Outubro serão disponibilizados os formulários e as normas de candidatura e que o prazo limite para a entrega de projectos é já o dia 31 de Outubro. O site disponibiliza inúmeros contactos caso necessite de informações adicionais, incluindo uma linha azul - 808 200 816 - que funciona entre as 10 e as 18 horas.

Vamos à Praia...



Vamos à praia... ou talvez não. Os dias vão diminuindo e a temperatura não é mais convidativa ao fresco das águas rumorosas de um rio. Mas neste Outono vibrante, "de púrpuras, damascos e brocados" como na poesia de Florbela Espanca, resta-nos a calma, o silêncio, a tranquilidade dos fins de tarde, os

inesquecíveis pôr-de-sol e o fresco insidioso da noite, que convida a companhia e à conversa.

Junto à água, nas muitas praias fluviais deste país, continua a haver motivos para o convite. Vamos à praia, não para o banho do corpo mas para o reconforto permanente do espírito. Porque não há som mais delicioso e tranquilizante que o da água de um regato a correr. Porque não há sítio mais propício para nos encontrarmos com os outros e com nós próprios.

Terra Quente

Venha à Terra Quente, desta vez, em busca dos "trajectos de água",



Praia Fluvial do Azibo

Albufeira do Azibo / Macedo de Cavaleiros

Inserida no vasto património natural que a albufeira e sua envolvente constituem, esta praia possui equipamentos de apoio (balneários, bar e outros) e uma plataforma e escorrega flutuantes.

O conjunto natural a que nos referimos – albufeira do Azibo e envolvente - foi objecto de várias intervenções de ordenamento que proporcionarão ao visitante desta praia momentos de bem-estar e fruição da natureza.

Assim, ir à Terra Quente "molhar os pés" na praia do Azibo é também, passear de canoa e acostar no cais LEADER, merendar num Parque de Merendas LEADER integrado na paisagem, brincar nos baloiços e escorregas, caminhar nos trilhos e ter encontros únicos com espécies de flora e fauna autóctones no Parque de Natureza e "aprender mais" nos Centros Interpretativos, é também "pôr-se de conversa e molhar a palavra" na aldeia de Sta. Combinha.



Praia Fluvial de Mirandela

Mirandela

Areal no rio Tua, que o Espelho de Água proporcionou.

Praia de características rurais no coração da cidade, ou melhor, num dos seus pulmões: o Parque Verde.

Convivem em seu redor histórias do rio – noras recuperadas, um moinho, vegetação de sempre,... -, e modernos equipamentos – mini-golf, courts de ténis, parque infantil, circuitos pedestres.



Praia Fluvial da Sra. da Ribeira

Carrazeda de Ansiães

Rio Douro, "cantado" na pena e na voz de gente linda, convida a banharmo-nos num limite de vinhedos, arribas e céu.

Esta pequena enseada, junto à marina LEADER da Sra. da Ribeira é um paraíso de calma capaz de sossegar as canseiras dos nossos dias.

Podemos ficar aqui uns tempos, deitarmo-nos em quartos LEADER de janelas para o rio e jantar no restaurante LEADER de sabores da Terra Quente.

Contacte a DESTEQUE,
Rua Dr. Jorge Pires, nº5, 1º andar, 5370-430 Mirandela
Telf. 278. 20 14 70 - Fax 278 262 389

Outonal

*Caem as folhas mortas sobre o lago;
Na penumbra outonal, não sei quem tece
As rendas do silêncio... Olha, anoitece!
- Brumas longínquas do País do Vago...*

*Veludos a ondear... Mistério mago...
Encantamento... A hora que não esquece,
A luz que a pouco e pouco desfalece,
Que lança em mim a benção de um afago...*

*Outono dos crepúsculos doirados,
De púrpuras, damascos e brocados!
- Vestes a terra inteira de esplendor!*

*Outono das tardinhas silenciosas,
Das magníficas noites voluptuosas
Em que eu soluço a delirar de amor...*

Florabela Espanca

Vale do Minho



Praia Fluvial do Taboão

Formariz - Paredes de Coura

Esta praia sofreu uma grande intervenção no âmbito do Programa Praias fluviais, que foi promovido pelo Instituto da Água. Com esta intervenção foi possível criar uma zona fluvial de excelência não só para o concelho de Paredes de Coura como também para o Vale do Minho.

O Programa LEADER II financiou investimentos complementares de infraestruturas e a construção de um restaurante que vai permitir a utilização deste espaço durante todo o ano.

Dotada de balneários, court de ténis e bar de apoio, esta Praia Fluvial é conhecida de todos quantos frequentam o afamado Festival Rock de Paredes de Coura.

Acesso - À entrada de Paredes de Coura pela Estrada 303 - S.Bento / Paredes de Coura.

Promotor - Câmara Municipal de Paredes de Coura
Apoio do Programa LEADER II



Praia Fluvial de Mazedo

Sendim - Monção

Esta Praia, situada na margem do rio Gadanha, pretendeu valorizar um plano de água que se forma a montante de um pequeno açude. A intervenção efectuada reorganizou toda a área envolvente, reabilitando um espaço de grande beleza natural, associado a uma ponte romana próxima, constituindo um polo dinamizador para as freguesias situadas no interior do concelho.

Acesso - A 100 metros da Estrada Nacional Monção - Arcos de Valdevez

Promotor - Câmara Municipal de Monção
Apoio do Programa LEADER II

actividades da rede



Pão em festa

O Pão esteve em Festa em Cuba de 1 a 4 de Setembro. Tratou-se de uma iniciativa da Associação Terras Dentro, em parceria com a Câmara Municipal de Cuba, integrada nas festas anuais desta vila que teve como objectivos a promoção deste nobre alimento e a introdução desta temática na feira.

Este evento constou de uma mostra e venda de pão e bolos tradicionais na qual participaram cerca de vinte padarias oriundas de Cuba e concelhos vizinhos; de uma exposição fotográfica e um diaporama; de uma pequena exposição de utensílios de padaria e da exposição dos vinte e nove pães sujeitos ao "Concurso de Pão Tradicional Alentejano".

A forte afluência de público a este evento excedeu as nossas expectativas bem como a receptividade da iniciativa junto dos visitantes. O Pão merece-o e a nossa saúde agradece.

Para Novembro está previsto um encontro sobre esta temática onde serão abordados aspectos relacionados com a nutrição, tecnológicos, etnográficos e históricos. Está prevista ainda uma exposição especialmente vocacionada para as crianças que será visitada pelas escolas do concelho na semana anterior ao encontro e deste modo terá ainda como função a promoção do encontro junto da população do concelho de Cuba.

Até lá, comam pão, de preferência do bom, que, como diz a padeira Francisca Trol, da Vidigueira, "é o alimenticíssimo principal, deve aguentar oito dias, ter olhinhos grandes e não engorda. Pois antigamente levávamos pão e meio para o trabalho, comiamo-lo todo e não engordávamos. Mas também andávamos e trabalhávamos muito. Agora as pessoas estão gordas do descanso, dos doces e das outras coisa mais".

Fernando Moital



A Aliende não faz parte do grupo das quarenta e oito associações que gerem o programa LEADER no nosso país. No entanto, uma leitura mais atenta do mapa LEADER II leva-nos à Aliende.

Sendo uma das quatro associações que formam o agrupamento Monte (entidade credenciada para a gestão do Programa) esta associação acaba por ser tão LEADER como qualquer uma das outras. Divulgou o Programa, recebeu e apreciou intenções de candidatura, acompanhou os projectos no terreno. Simplesmente não tinha poder de decisão. "Os projectos que tinham possibilidades eram numa primeira fase trabalhados por nós. Quando víamos que estavam maduros encaminhava-os para o Monte". O coordenador do núcleo técnico da Aliende, Jorge Coelho, explica como decorria o processo.

Uma forma de abordagem diferente ancorada na figura do pólo articulado de dinamização que o Monte criou no sentido de dotar a zona de intervenção (10 concelhos do Alentejo Central) de uma estrutura técnica ao nível do desenvolvimento rural. Uma solução que serviu também para implementar o LEADER II. Em tempo de fecho o balanço é extremamente positivo. Para além dos 150 mil contos de investimento total, distribuídos por uma dúzia de projectos, o LEADER II revelou-se uma peça fundamental na afirmação da associação. "O LEADER foi o primeiro programa que nos permitiu alguma estabilidade. Foi a partir daí que pudemos começar a lançar outras âncoras".

Ainda no âmbito do LEADER II, e na sequência da estratégia do Monte, a Aliende desenvolve também um gabinete de apoio às actividades económicas (GAEE). Vocacionado sobretudo para apoiar as pequenas e médias empresas não se espera que venha a acabar com o LEADER. Quem o diz é Jorge Coelho. "Eventualmente vai evoluir para uma empresa que vai prestar o mesmo tipo de apoio mas já não de uma forma gratuita". Como é ainda uma ideia em incubação o técnico não quis adiantar mais. No fundo, um passo estratégico a pensar no futuro.

Fundada em 1994, por um conjunto de indivíduos interessados na problemática do desenvolvimento a nível local, a Aliende apanha também o comboio do PPDR e fica com o Centro Rural de Montoito. Abrangendo as freguesias de Montoito, Redondo e N. Sra. de Machede, freguesias eminentemente rurais, o Plano Global de Intervenção (PGI) contemplou projectos nas áreas agrícola, sector agro-alimentar e infra-estruturas contribuindo decisivamente para a melhoria das condições dos pequenos produtores, sejam eles agricultores, artesãos ou empresários.

Entre os muitos projectos aprovados, a técnica da Aliende Anabela Matiz, destaca a electrificação da zona rural anexa a Santa Susana, no qual mais importante do que a instalação de um posto de transformação, foram os efeitos produzidos ao nível da auto-estima da população daquele lugar; o apoio a uma série de pequenas empresas no sector agro-alimentar, principalmente produtores de queijo e enchidos, reconhecida que é a importância desta actividade na região, sobretudo ao nível da criação de emprego; e, na área cultural, o destaque vai para o Grupo Coral dos Trabalhadores de Montoito que, com o apoio da Aliende conseguiu gravar um CD. Ainda nesta área a associação tem promovido os Encontros de Grupos Corais de Montoito. Um acontecimento que já é habitual ouvir falar nas rádios e televisões.

A comunicação tem sido de resto uma política da Aliende. Quer através de boletins informativos, como é o caso do Seareiro (Centro Rural), e do Ideias & Números do GAEE, quer através da rádio e até da televisão. "Fomos estabelecendo uma corrente de informação através dos boletins de informação e

da nossa disponibilidade para atender as pessoas". No caso da televisão: "Levamos o Grupo Coral de Montoito à Praça da Alegria. O que é que aconteceu? Para além dos emigrantes terem visto de repente Montoito na televisão (através da RTP Internacional), o grupo ganhou auto-estima e, conseqüentemente, mais força para continuar. Ficaram motivados, pois nem sempre são valorizados pelo seu trabalho. São coisas que funcionam de maneira muito forte", diz Anabela Matiz.

Neste momento, e no âmbito do programa que a Aliende tem entre mãos – o PIPPLEA (Programa Iniciativa Piloto de Promoção Local de Emprego no Alentejo) – a rádio tem sido o principal meio utilizado com aquele objectivo. Semanalmente e durante quinze minutos fala-se na rádio Jovem (Evora) e na Unirádio (S. Pedro do Corval) do Entre Nós – designação dada ao Programa que visa promover o emprego no Alentejo, concretamente nos concelhos de Evora, Reguengos e Redondo.

Uma iniciativa, nove acções. Fátima Cara-Linda, muito resumidamente enumera-as pela seguinte ordem: rede de animadores locais, centro de apoio ao auto-emprego, centro compartilhado de tele-trabalho, acção de formação para agentes de formalidades administrativas, incubação de agentes de formalidades administrativas, formação multivalências na área agrícola, inserção sócio-profissional de jovens deficientes, mercado social de emprego e centro de apoio às artes e ofícios tradicionais.

Candidatos já numa segunda fase, a Aliende começa a implementar o Entre Nós em meados de Dezembro de 1999 o que significa que a associação tem até Dezembro de 2001 para pôr a andar os projectos. Depois do LEADER este é o grande programa da Aliende. Os ensinamentos retirados do LEADER foram aproveitados para elaborar a candidatura ao PIPPLEA. "Nós no LEADER, para além do Pólo, queríamos criar extensões locais permanentes. Não conseguimos. Quando fomos para o Piloto (PIPPLEA) fizemo-la e já conseguimos ter animadores no terreno. É um pouco aplicar o que recolhemos de bom do LEADER". Jorge Coelho sublinha assim, mais uma vez, a importância do LEADER para a associação da qual faz parte.

No auge do PIPPLEA, a Aliende tem ainda a funcionar uma Escola-Oficina onde nove formandas vêm aprendendo a confeccionar compotas tradicionais e licores. E porque é no presente que se constrói o futuro, está também a elaborar uma candidatura ao Programa Operacional da Região do Alentejo (PORA). Um futuro que também poderá passar pelo LEADER +, pelo menos para isso estão a trabalhar.

E não ficam apenas pelo Alentejo. Uma postura que o coordenador do núcleo técnico assume quando diz que "nós somos uma associação para o desenvolvimento local. Fomentamos o desenvolvimento local aqui ou em Trás-os-Montes. Claro que na prática temos noção das nossas capacidades".

Na vizinha Espanha, a pouco mais de 100 quilómetros, a Aliende encontrou um parceiro para desenvolver, para já, um projecto que dá pelo nome de Viagem pelas Culturas Alentejana e Extremenha. Uma viagem que trouxe até ao Alentejo a associação para o desenvolvimento rural da Comarca de Olivença – Aderco – e levou a Aliende até Espanha. O objectivo é sempre o mesmo: fomentar processos de desenvolvimento. "O papel da Aliende não é ser ela própria o motor do desenvolvimento. O desenvolvimento para ser sustentável e para ter futuro tem de ser assegurado pelas pessoas".

Paula Santos

ficha técnica

nome: Aliende – Associação para o Desenvolvimento Local | sede: Av. da Escola, 34 – 7200-053 Montoito | telefone: 266 530101/2 | fax: 266 530103 | e.mail: aliende@mail.telepac.pt núcleo técnico coordenador: R. Dr. António José de Almeida, 35 – 7200-053 Montoito | telefone: 266 530 131/2 | fax: 266 530 133 | núcleo técnico: Jorge Coelho (coordenador), Anabela Pinelo Mariz, Maria de Fátima Cara-Linda e Sílvia Canhão.



Estávamos na Primavera. Ponta Delgada vivia a hora das Festas do Santo Cristo. No dia 13 de Maio de 1999, a Terra-Mar convidava-nos para atracar no seu porto. A palavra-passe chama-se desenvolvimento local.

Antes de mais nada é uma associação constituída por pessoas. Carlos de Bulhão Pato, Carlos Elias Rodrigues e Rui Soares Alcântara são os alicerces de uma família que dá pelo nome de Terra-Mar. Em 2 de Julho de 1993, os membros-fundadores designaram a sua missão, "apoiar e promover o desenvolvimento integrado da Região Autónoma dos Açores, e contribuir para aumentar as condições de bem estar e de progresso que contrariem o processo de desertificação humana, que atinge principalmente as comunidades rurais e marítimas afastadas ou não integradas nos principais núcleos urbanos". De 1960 a 1980, cerca de 100.000 açorianos abandonaram o arquipélago. No espaço de 20 anos as ilhas perderam um terço da sua população.

Uns ficam, outros regressam, outros organizam-se lá fora. É para todos eles que esta ADL pensa, discute e semeia o desenvolvimento. Segundo Rui Alcântara, "nós somos a expressão viva da ideia de que para haver uma prática consequente, é preciso que ela assente numa teoria sólida e esclarecida". A participação em encontros nacionais de outras associações, propicia à troca de experiências, é o alimento indispensável e fundamental para uma reflexão que não se quer em sentido único.

Desde os primeiros dias, o diálogo é um elemento que a Terra-Mar conta como um bem patrimonial. "Nos anos iniciais, reuníamos todas as Segundas-feiras e mantínhamos esse calendário religiosamente. Fazíamos algumas leituras colectivas, estávamos os três em todos os momentos da associação: nas reuniões; os textos eram fruto de um trabalho colectivo. Mantivemo-nos sempre com bastante coesão, forjando-nos nesse processo colectivo da luta pelo desenvolvimento local nos Açores."

A procura e a concepção de instrumentos em prol do desenvolvimento e os momentos de avaliação das acções e do trabalho assentam na união dos seus membros. Com um Carlos de Bulhão Pato, criativo, um Rui Alcântara, metodológico, e um Carlos Elias, astuto, a Terra-Mar tem levado o seu barco a bom porto. Carlos de Bulhão Pato fala de amizade, de modéstia intelectual, de respeito e de vontade de fazer. Esta parece ser a receita para que uma associação que não depende de fundos públicos tenha seguido o seu caminho, com altos e baixos, sem nunca se ter desviado do seu principal objectivo. Afinal, não é o dinheiro que faz o desenvolvimento.

A animação local e a intervenção no terreno são as pedras de toque desta filosofia. Isto é? Rui Alcântara explica-se, "a associação propõe-se divulgar os princípios e a prática do desenvolvimento local nos Açores e, portanto, estamos a falar do envolvimento da população". No caso da Terra-Mar o envolvimento passa muitas vezes por acções abrangentes. Aponta-se aqui para a Loja de venda de artesanato e produtos locais, o turismo rural e o motor de busca VirtualAçores. A oficina do artesão, um conjunto de casas numa freguesia ou a aldeia global são palcos dessa aprendizagem em comum para o bem estar da comunidade açoriana.

Escoar os produtos, quebrar o carácter sazonal da actividade, incentivar o espírito inovador, promover o encontro entre artesãos e dar mais visibilidade ao artesanato das nove ilhas formam o propósito desta loja, instalada no centro comercial de Ponta Delgada. Isto não impede que os trabalhadores da associação reivindiquem que "a melhor maneira do artesanato sair dos Açores é na mala do turista e, se possível, vendido directamente pelo artesão, sem

qualquer intermediário". Nesse âmbito também, a associação empenha-se para que as freguesias viabilizem a abertura de um ponto de venda local de artesanato.

A escala da freguesia encontramos também o turismo rural, como "estratégia para o desenvolvimento nos Açores", assentando muito bem na realidade local. A emigração maciça tinha deixado casas vazias. Mudam-se os tempos, hoje as comunidades rurais e piscatórias esvaziam-se em direcção aos grandes centros urbanos. Avança-se com a ideia do turismo rural para pôr um ponto final ao êxodo. Como? Carlos de Bulhão Pato, mentor desta iniciativa, passa a explicar, "dando a quem tiver casas melhores condições e melhores meios, capacidade de ser um hospedeiro, um anfitrião e, ao mesmo tempo, que se facilite isso, dizendo que essa pessoa existe, promovendo a venda desse espaço". Ao virar a esquina encontramos enfim o objectivo desenvolvimento: "as pessoas que vão desenvolver essas actividades serão os principais guardiões do seu território, porque precisam dele funcional e limpo. Vão conviver com outras pessoas, que lhes vão transmitir experiências. Isso para funcionar precisa de ter muita gente a funcionar da mesma maneira, com o mesmo objectivo. Criar pessoas que gostam da ideia pela prática, tirando proveito dela, vivendo melhor, ganhando dinheiro, mas também, acarinhando a sua envolvente, a sua cultura, o seu património e, sobretudo, o seu ambiente".

O elemento congregador e difusor destes e doutros projectos é o motor de busca <http://virtualazores.com>. No início, modestamente, tratava-se de divulgar a associação. Daí a ser a montra dos Açores, com um A, bastou um clique. Este instrumento de ligação parece uma evidência, tendo em conta a realidade local, na sua vertente geográfica e social. Por um lado, com o fim das carreiras marítimas, quebraram-se as comunicações entre as ilhas. Por conseguinte, durante 20 anos, os Açores tiveram de costas viradas uns para os outros. Daí a urgência de abrir novas vias de comunicação para fomentar a criação de fóruns de debate, a partilha de ideias e a procura de soluções conjuntas. Por outro lado, existe a grande comunidade emigrante, que integra "um potencial importante a pôr ao serviço do desenvolvimento local". São pessoas com "iniciativa empresarial, o que é um contributo precioso para colmatar várias lacunas, que se verificam no tecido social açoriano". Daí a necessidade de manter essa gente informada.

A Terra-Mar é uma associação que abraça a causa do desenvolvimento local não com fardas para os músicos da banda, mas com escolas de música. Nas palavras de Rui Alcântara, "grande parte das condições necessárias ao desenvolvimento tem a ver não com betão armado, não com obras de construção em termos físicos, mas tem a ver com uma atitude mental, tem a ver com as pessoas acreditarem, se disporem, interiormente, a aceitar a ideia que só se consegue atingir certos objectivos, colaborando e organizando-se com outras pessoas, reunindo esforços para caminhar para o mesmo objectivo".

Maria do Rosário Aranha

ficha técnica

nome: Terra-Mar – Associação para o Desenvolvimento Local nos Açores | morada: Ladeira das Águas Quentes, 116 - 9500-291 Ponta Delgada / Açores | telefone: 296 652413 | fax: 296 281825 | e.mail: terramar@virtualazores.com | site: www.virtualazores.com/terramar | equipa Terra-Mar: Pe. Silvino Amaral (presidente), Ana Paula Sousa, Carlos Bulhão Pato, Carlos Rodrigues, Rui Soares Alcântara, Tiago Rosas.

Os Tapetes de Arraiolos, são das afirmações mais vincadas do génio artístico do povo alentejano. Mas, de há uns tempos para cá o mercado português foi invadido por tapetes falsificados, provenientes de Marrocos, China e outras regiões de Portugal, o que tem criado alguns problemas à região. A certificação dos tapetes de Arraiolos parece ser a única forma de terminar com as imitações.



TAPETES DE ARRAIOLOS



formação de Tapeteiras/Conservação e Restauro Tapete Antigo, enquadrada no Programa de Iniciativa Piloto de Promoção Local de Emprego. Deste modo, pretende-se transmitir os elementos determinantes para a elaboração do tapete antigo e as técnicas de conservação e restauro do mesmo.

A concorrência desleal

A reputação dos tapetes de Arraiolos ao nível nacional e internacional deve-se à qualidade, sobretudo artística, que os desenhos e colorido representam, usando materiais de excelência.

No entanto, o reconhecimento do seu valor a nível internacional também estimulou o aparecimento de reproduções e imitações em regiões e países bem distantes, como China, Brasil e Filipinas, principalmente nos últimos decénios, cuja qualidade é, naturalmente, bastante inferior face aos originais. A qualidade da lã é duvidosa, as cores utilizadas, os matizes e os padrões também. Tal facto, entre diversas formas de concorrência desleal, tem prejudicado imenso a economia regional, uma vez que a maioria dos consumidores de tapetes não consegue distinguir uma peça autêntica de uma falsa, sendo a sua principal preocupação o preço. E, como os tapetes falsos têm preços aliantes, por norma os consumidores são enganados.

Tapetes Certificados

Para garantir o nível artístico deste património nacional e cultural há que desenvolver acções diversas, entre as quais aquelas que resultam da necessidade de pautar a sua comercialização pela qualidade. Para tal, torna-se imprescindível proteger e preservar este produto da vila de Arraiolos, de modo a garantir ao consumidor a sua qualidade e genuinidade. Assim, a certificação de origem e de qualidade torna-se essencial visto a tendência crescente para a sua descaracterização e desvalorização.

Para além disso, a certificação representa um grande passo na promoção e viabilização económica deste tipo de produto artesanal, bem como, uma forma de protecção legal, que consubstancia não só um direito do consumidor, enquanto garantia que aquele produto que compra é um produto genuíno e cumpridor das normas aplicáveis, como também, e principalmente, um dever que todos nós temos de salvaguardar o património cultural de séculos, neste caso, os Tapetes.

Para garantir a defesa da genuinidade e qualidade dos tapetes de Arraiolos, o Agrupamento Monte, no âmbito do Projecto Local de Intervenção, desenvolveu uma acção em que se propõe criar todas as condições para a constituição de um Centro do Tapete de Arraiolos.

O que se pretende é o apoio às acções de certificação, de forma a permitir definir, valorizar e promover o tapete de Arraiolos como obra de arte, como produto tradicional de elevada qualidade e como produto artesanal genuíno.

Agrupamento Monte

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares
Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Propriedade:
 INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL
Administração e Redacção:
 INDE/Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II
 Rua Marquesa de Alorna, nº 34 – 2º Esq.
 1700-304 LISBOA
 Tel. 21.8446595 | Fax 21.8446623
 Email. caleader@inde.pt
 Site: <http://caleader@inde.pt>

Mensário
Director: Samuel Thirion
Editor: Camilo Mortágua
Chefe de Redacção:
 Francisco Botelho
Editor Gráfico: Ana Alvim / Isto É
Redacção: Paula Santos;
 Rosário Aranha
Colaboram neste número:
 ADRIMINHO, DESTEQUE, Helena Santos, Fernando Moital, Luis Alvarez, Luis Chaves, MONTE, Simone Arzeni, Unidade Espanhola do Observatório LEADER.

Paginação e pré-impressão:
 Isto é, comunicação visual, lda
 Rua de Serralves, 693-697
 Apartado 1503
 4107-001 PORTO
 Tel.: 22 616 65 70 | Fax: 22 616 65 79
 e-mail: isto-e@esoterica.pt
Impressão: Tipografia Silvas, CRL
 Rua D. Pedro V, 122 - 1º E
 1250-094 LISBOA
Número de exemplares: 4.000
Depósito Legal nº 142 507/99
Registo ICS nº 123 607

Primitivamente de inspiração persa, as bordadeiras de Arraiolos iniciaram o fabrico artesanal dos tapetes no século XVI, imprimindo-lhe o melhor da sua arte pessoal. Uma arte que regra geral retracts a planície alentejana e os hábitos do povo dessa região, mas também nos podemos confrontar com alguns toques arabescos ou persas, de forma a personalizar ainda mais a arte das bordadeiras.

Deste modo, o tapete de Arraiolos representa um produto resultante da criatividade de artesãos locais, tendo do ponto de vista das artes decorativas a sua especificidade própria distinta de outros tapetes bordados feitos tradicionalmente noutras zonas do país.

A manufactura do Tapete é o resultado da tradição e educação familiar, transmitida século após século, de geração em geração. As longas noites de Inverno e o desenvolvimento doméstico desta ocupação, em paralelo com a actividade agrícola, favoreceram a aglomeração participativa do agregado familiar em torno da manufactura do Tapete.

Os tapetes de Arraiolos são uma tapeçaria rica, elaborada manualmente em forma de bordado com fios de lã grossos sobre tela, e tem por característica principal o facto de o bordado a cobrir integralmente.

Em regra os contornos dos motivos decorativos são feitos com o ponto de cruz oblíquo, mas em certos tapetes podem os contornos ser feitos noutra tipo de ponto bordado, que se chama ponto pé de flor, o qual se usou em muitos tapetes manufacturados no séc. XVII.

No que respeita ao ponto pé de flor e para reavivar uma arte antiga, o Agrupamento Monte (entidade que visa o desenvolvimento local), encontra-se a desenvolver uma acção de

